

ALPHONSO GYIMARAES
PASTORAL
DO AMOR E
AOS CRENTES
DA MORTE



Monteiro Lobato & Cia Editores

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



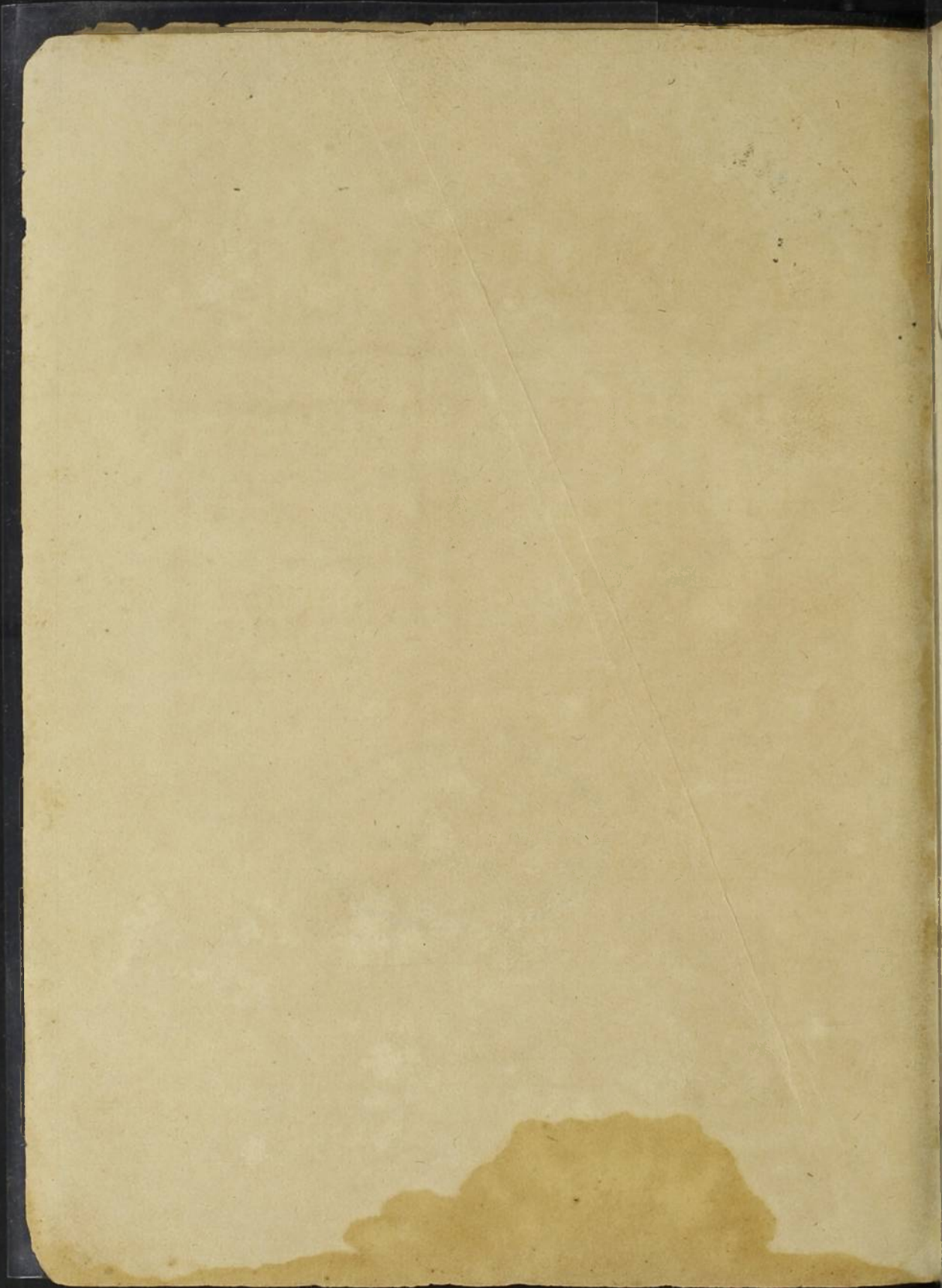
LIVRARIA UNIVERSAL

50 e 58

AVENIDA RIO BRANCO

RECIFE

Eugenio Nascimento



89
Monteiro Lobato

Pastoral aos crentes
do amor e da morte
Livro lyrico do poeta
Alphonsus de Guimaraens



Obras do mesmo auctor:

Edições esgotadas :

"DONA MYSTICA" — Poema — Typ. de Leusinger & Cia. —
Rio, 1899.

"KYRIALE" — Versos — Typ. Universal do Porto — 1902.

"SEPTENARIO DAS DORES DE NOSSA SENHORA E
CAMARA ARDENTE" — Poemas — Typ. de Leusinger & Cia. — 1899

Edições recentes :

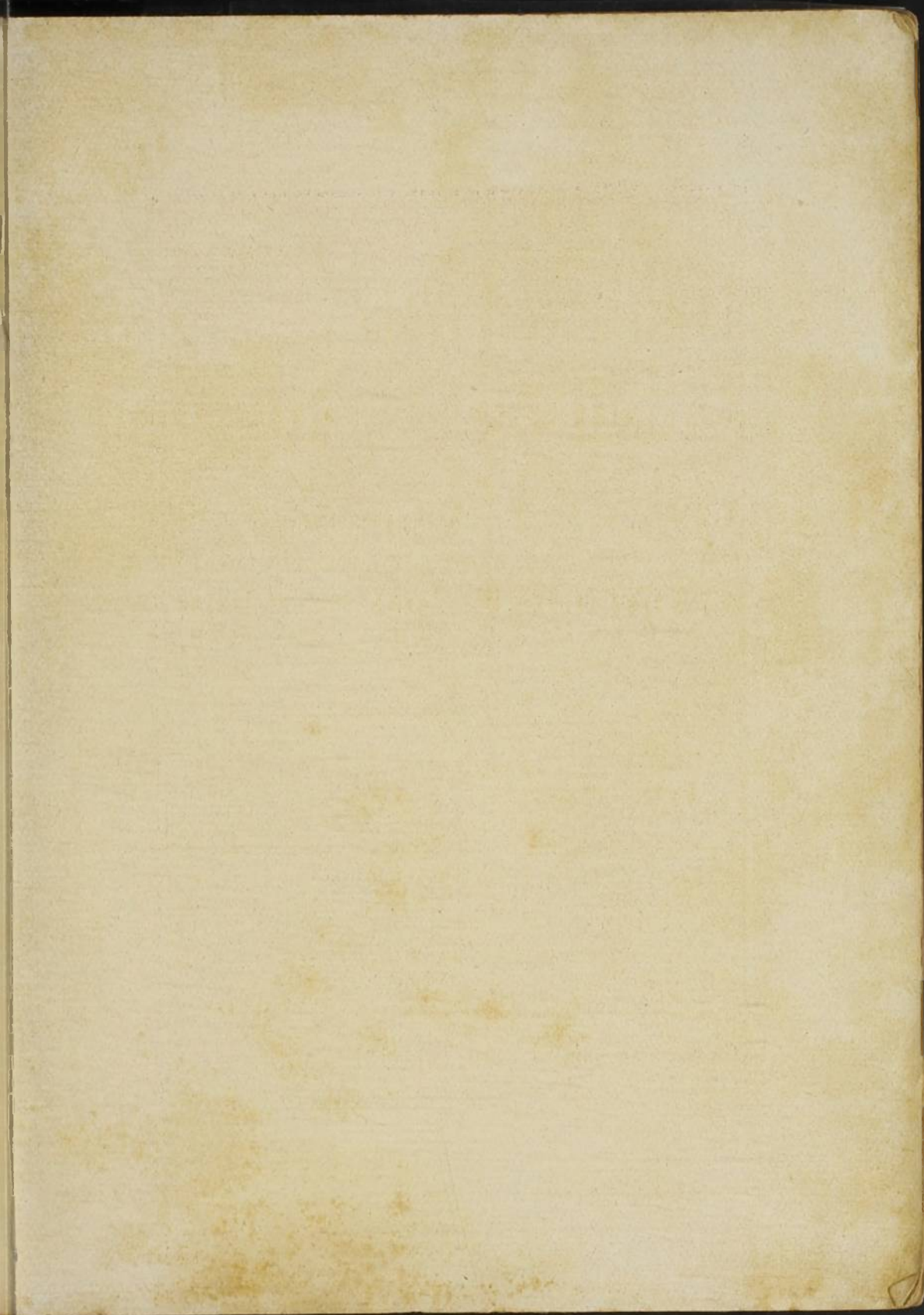
"MENDIGOS" — Paginas de prosa — Editora Mineira — Ouro
Preto — 1920.

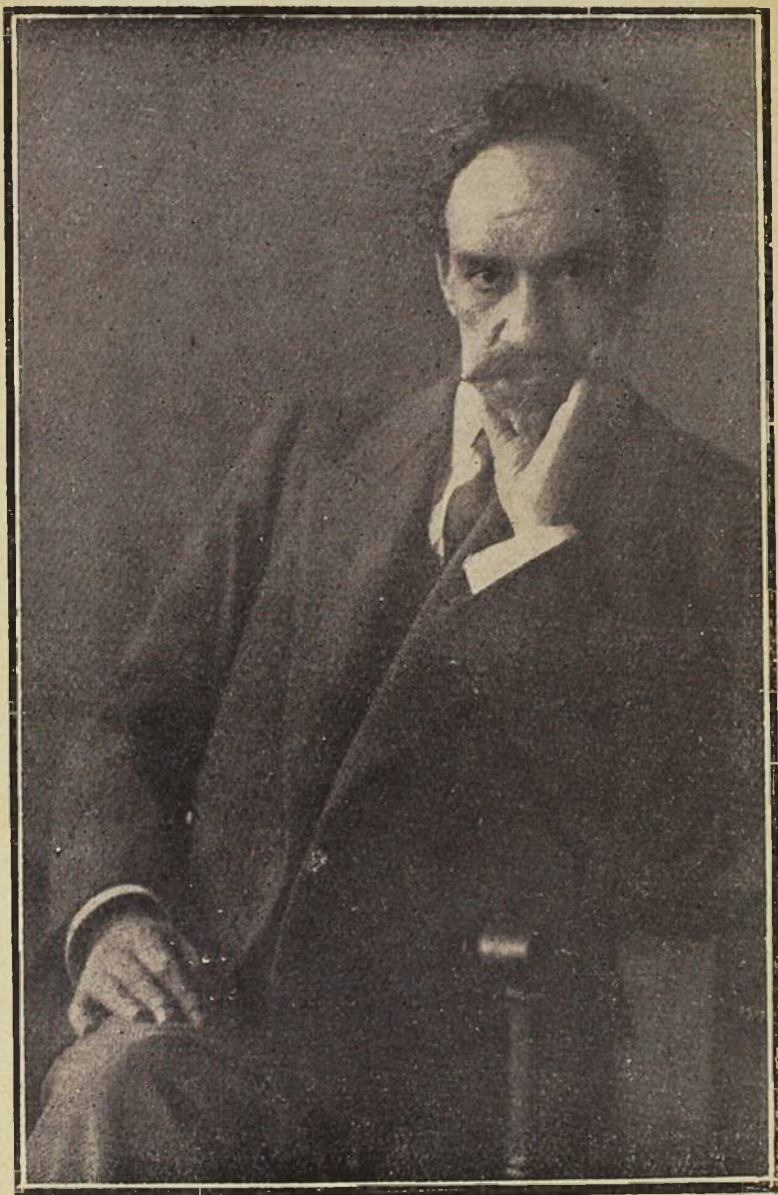
"PAUVRE LYRE" — Versos francezes — Editora Mineira —
Ouro Preto — 1920.

Em organização posthuma :

"ESCADA DE JACOB" — Sonetos

"PULVIS" — Ultimos versos.

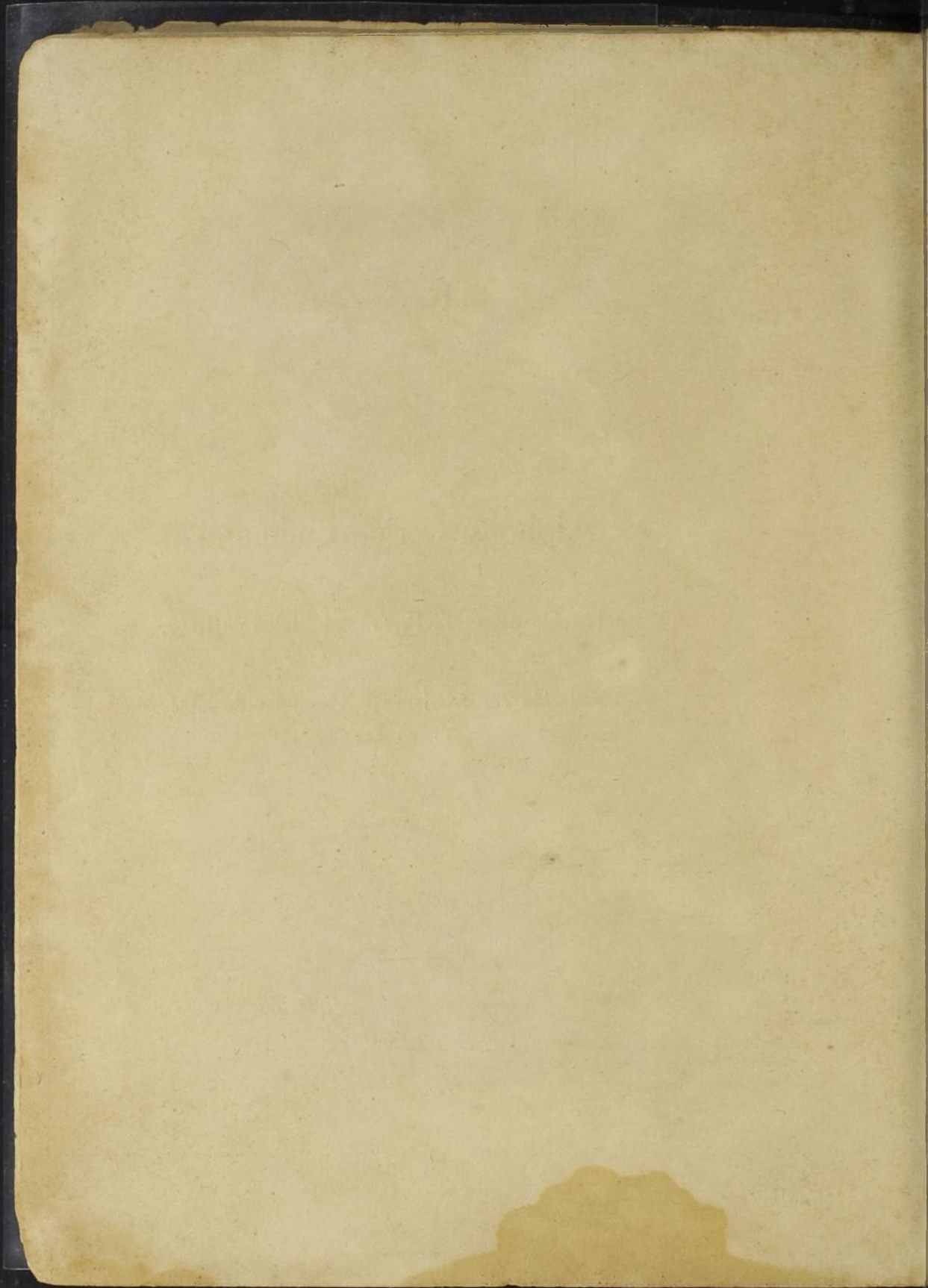




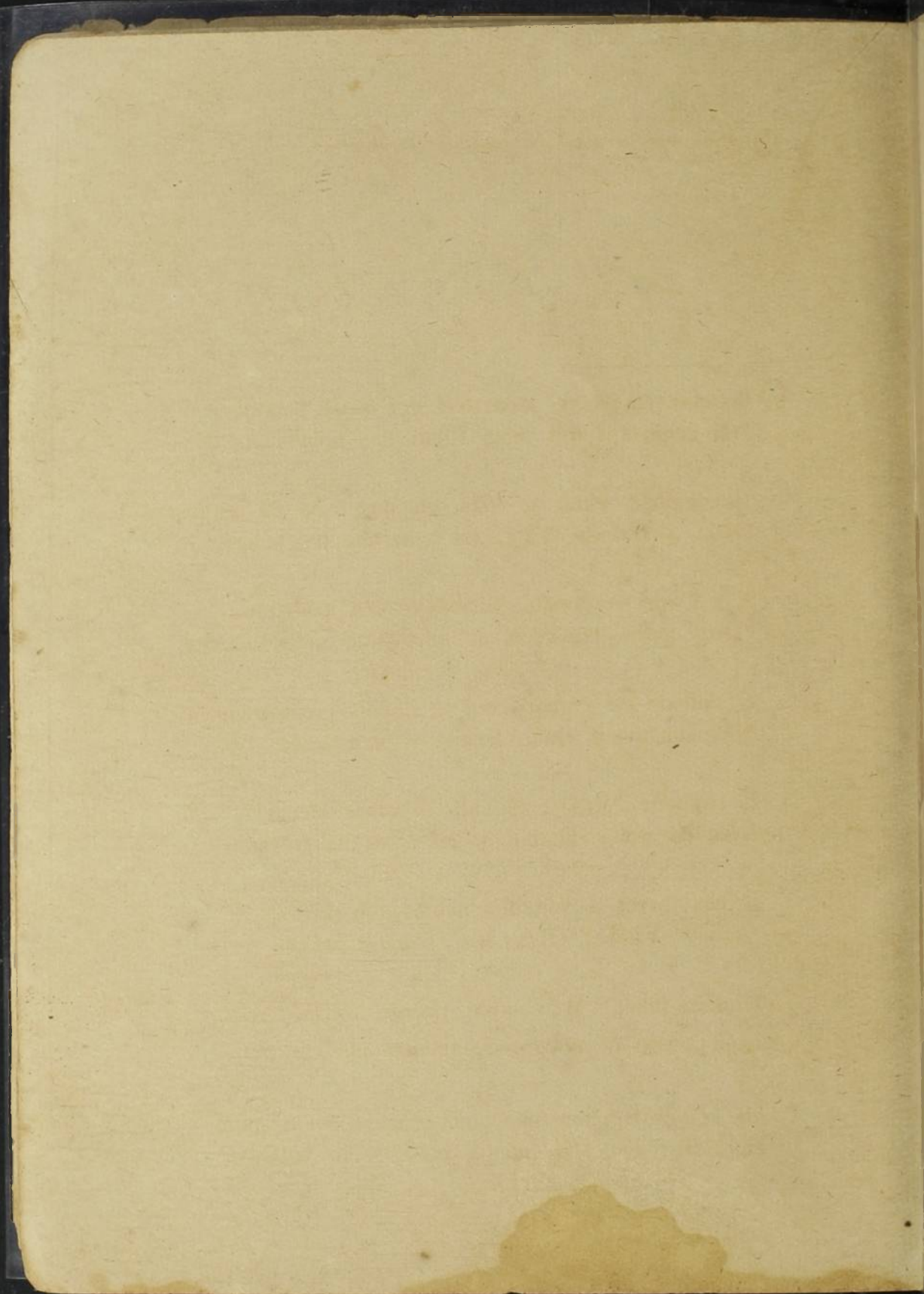
Alphonsus de Guimaraens

Nascido em Ouro Preto - 24 - Julho de 1870.

Fallecido em Marianna - 15 - Julho de 1921.



B R A Z ã O



I

DE solar em solar, menestrel dos mais pobres,
Ai! como suspirei pelas filhas dos nobres...

E seguindo, elmo ao luar, guantes, cota de malha,
Dizia á Dama: "Flor, eis a minha mortalha..."

E a Dama respondia, olhando o céu maguado:
"Dize antes, trovador, as vestes de noivado..."

E vinham-me coroar com a flor dos cinnamomos.
Mas chegavam então lacaios e mordomos

E rugiam: "Villão, tão alto o olhar elevas...
Neto de peões, abaixa o teu olhar ás trevas!"

E nas torres a voz dos nobres repetia:
"Villão! Villão!" E ao luar, como a lua, eu sorria

E dizia-lhes: "Meus avós tinham brazão:
— Campo de neve onde agoniza um coração..."

Ide ver os tropheus dos bons tempos, o extranho,
Heraldico armorial, gentis homens de antanho!

Tive tantos avós cavalleiros e tantos
Outros filhos do povo, humildes como santos...

Estes, miseros peões, nas rudes cercanias
Do castello ancestral de Vimaraens, sombrias

Mumias, dormem o somno esquecido dos pobres..."
— Villão! Villão! clamava ao luar a voz dos nobres.

II

DE casal em casal, alma cheia de flores,
Ai! como namorei as filhas dos pastores...

A cada lyra que eu cantava, a cada lyra,
Suspirava uma voz que até hoje suspira.

E os formosos casaes, dormindo sobre as faldas
Das montanhas, ao luar, coroado de grinaldas,

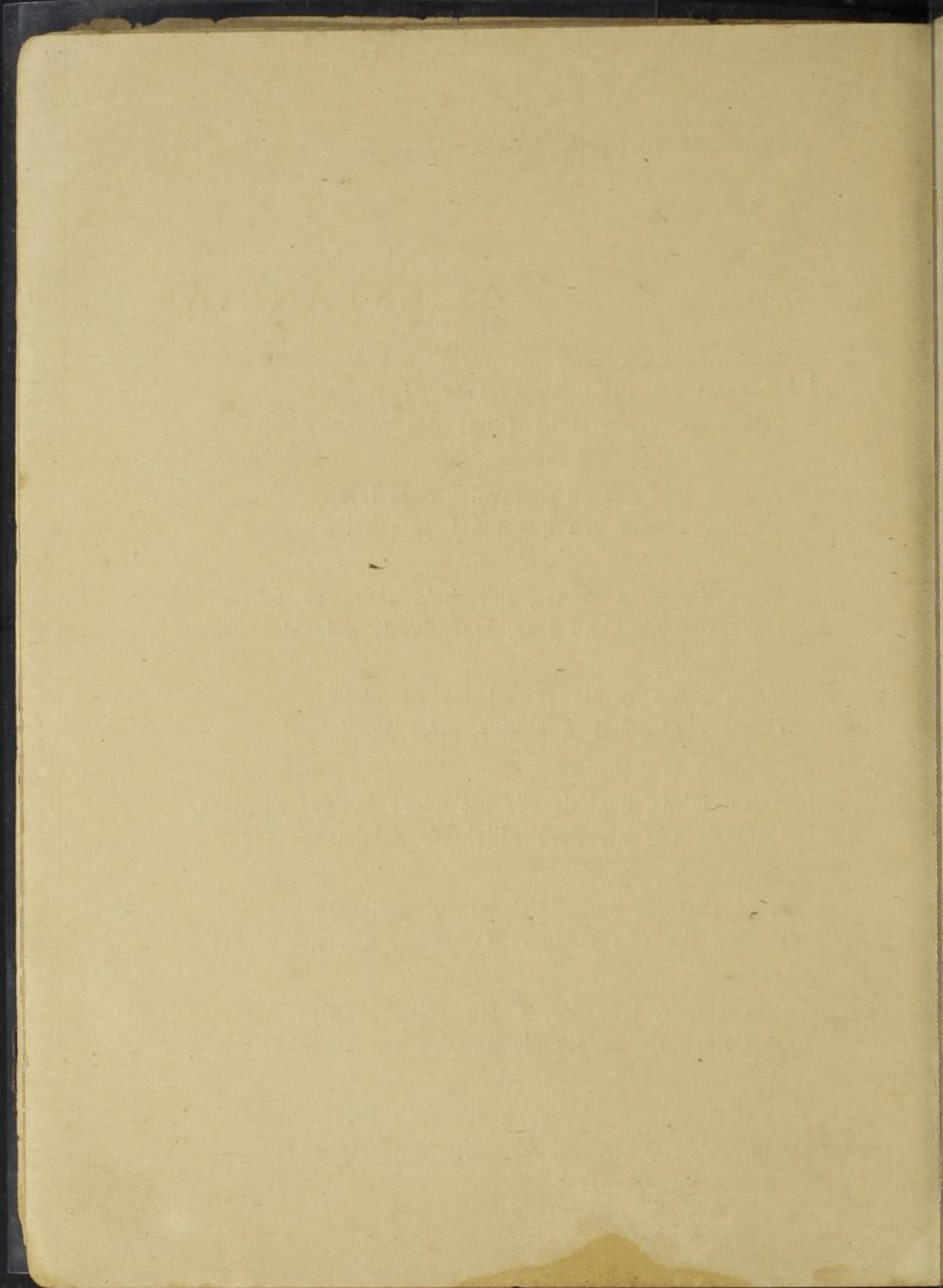
Eram como gentis ramalhetes de ninhos...
Quantas moçoilas a cantar pelos caminhos!

— O' loiras, qual de vós me quer? Meigas morenas,
Qual de vós me dará allivio ás minhas penas?

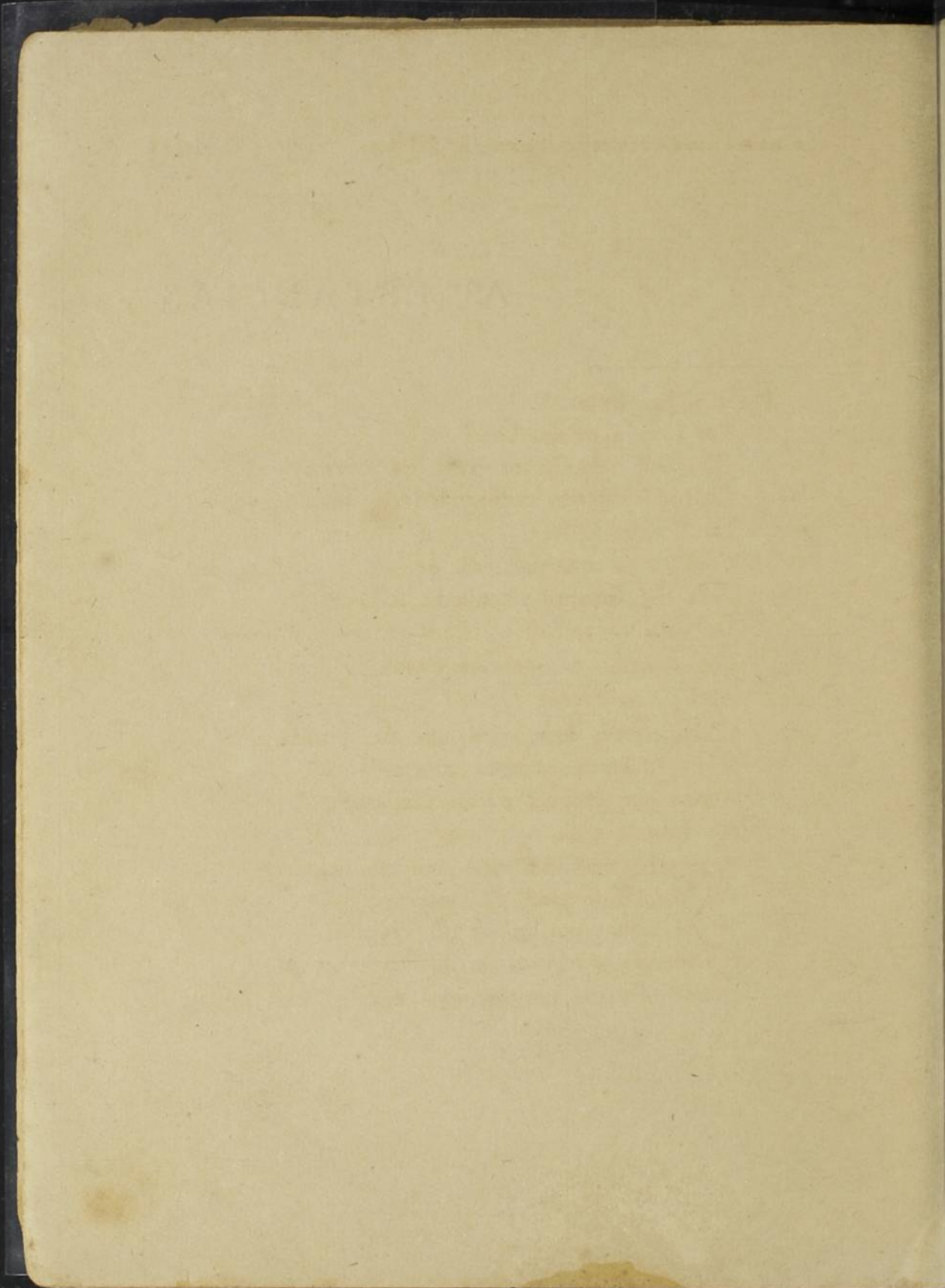
E os pastores então diziam: "Raparigas,
Porque lhe não cantaes: O' poeta, não nos sigas?"

Bem vemos, trovador, o teu velho braço:
— Campo de neve onde agoniza um coração...

Tu que vaes a plantar açucenas e lírios,
Bem sabes que afinal só colherás martyrios!"



AS ESTANCIAS



I

FOI a tua belleza?

Foi toda a minha Dor?

Não sei, nem sabes, mas na devesa
Chorou cantando o rouxinol do amor.

Ias de preto, leve,

Como uma andorinha no ar.

Pelo céu tranquillo tombava a neve

Do meu pezar.

Como tinhas de ser crucificada,

Abri-te os braços...

O luar, mais brando do que tu, Amada,

Vinha guiar os nossos passos.

Agora que cheguei e que chegaste

Ao fim da vida,

Bem sabes que a illusão com que sonhaste

Foi perola de bem alto cahida

E que vimos enfim no mar perdida...

No mesmo mar eburneo do teu seio,

Donde ella em tempos mais felizes veio!

II

UMA nota de flauta dentro da alma,
Uma nota de flauta,
Ah! muitas vezes, muitas, tira a calma
De uma alma incauta.

Imaginae, ó noivos, que, naquella
Noite clara de março,
O meu olhar no azul dos olhos della
Andava esparso.

Fitamo-nos, sorrindo: ao meu ouvido
Chega naquelle instante,
Para tormento meu, leve gemido,
Um som distante.

Hoje como serias longe della,
Pobre alma incauta,
Si não ouviras, como ouviste, aquella
Nota de flauta!

III

PARA onde foi a minha companheira?
Eu a vi numa flor de laranjeira
Sorrindo para mim...

Annos depois vaguei a noite inteira,
E contemplei-a, oh! dor! numa caveira,
Sorrindo-se de mim!

IV

DE STECCHETTI

VO'S que subis por este verde monte
E o silencio buscaes, em horas calmas,
Onde é mais denso o bosque e clara a fonte,
Enamoradas almas:

Ai! piedade de mim, que pela estrada
Sósinho sigo e inconsolavel clamo!
A minha desventura é mui pesada...
Ai! piedade! Não amo...

V

FOI-SE, como a formosura,
A luz ideal do meu sonho.
E' com sorrisos que ponho
Os pés sobre a sepultura.

Já ninguém hoje me espera
E, em ninguém tenho esperança.
Fui tão moço, tão creança!
Já morreu a primavera.

No jardim dos meus martyrios,
Não colhi cravos nem rosas.
Em vez de estrellas radiosas,
Somente o céu me deu cirios.

Como quem vae para um throno,
Caminho para a velhice:
Tecem-me os versos que disse
Uma corôa de outomno.

E quando chegar o inverno,
O pôr-do-sol indeciso,
Dae-me, ó Deus, o paraiso,
Pois sempre vivi no inferno...

VI

DE STECCHETTI

QUANDO as folhas cahirem, e tu fores
Procurar minha cruz no campo-santo,
Has de encontral-a, meu amor, num canto,
Circumdada de flores.

Colhe, então, para os teus loiros cabellos,
Cada flôr que do peito meu florisse!

São versos que pensei sem escrevel-os,
São palavras de amor que te não disse...

VII

“Que tens?” disseste (e a minha amada
Fitou-me os olhos com o seu triste olhar)...

“Que tens?” — “Que tenho? mas, Senhora, nada...”

Em céu de magua florescia o luar.

Passam momentos suaves

Como vôos de aves

Em céu de abril.

Ella outra vez fitou-me os olhos brandos,

Com o seu olhar gentil:

“Poeta de sonhos miserandos!

Quando os astros em pleno céu despontam

(Eu sei de uma canção que assim o diz),

Os teus olhos me contam

Como tu és infeliz!”

VIII

DE VERLAINE

Le rossignol qui du haut d'une
branche se regarde dedans, croit
être tombé dans la rivière. Il est
au sommet d'un chêne et toutefois il
a peur de se noyer.

Cyrano de Bergerac

NO ribeiro ennevoado a sombra do arvoredado,
Como a fumaça, morre a medo,
Emquanto no ar, entre as ramagens verdinegras,
Se lastimam as toutinegras.

Quantas vezes, viandante, esta incolor paizagem
Não te mirou a ti, a ti também sem cor!
Chorava triste na folhagem
O teu Amor...
E entre petalas doiradas,
As tuas esperanças afogadas...

IX

TRIO ROMANESCO

(Uma aldeian passa cantando:)

— O coração humano é comø os jasmineiros:
Tem mais perfume quando as noites são de luar.
Que lua ha-de florir os meus sonhos primeiros,
Mais brancos que os jasmins das terras de alem-mar!

(Um velho sentado á beira da estrada:)

— O coração humano é como as sepulturas:
Pode conter a morte e ser como um jardim...
Fechadas para sempre estão as azas puras
Das esperanças que adejaram sobre mim!

(Um poeta que segue a aldeian:)

— O coração humano é como as laranjeiras:
Floresce um mez e espera outro setembro em flor...
Ah! quando voltarão as illusões primeiras,
Para outra vez florir o meu finado amor!

X

AS ovelhas vão para o aprisco...
Ide, sonhos, dormir em doce calma.
(A ventura passou como um corisco
Pelo céu da minh'alma.)

Quantos gemidos, quantas agonias
Na longa estrada por onde vim...
(Irreparáveis, meu Deus, os dias
Perdidos atraz de mim!)

Tedio, pastor de ovelhas, chora
O desespero que não mais se acalma...
(A desventura está rezando agora
Na igreja da minh'alma.)

Quantos gemidos, quantas agonias,
Até que chegue, afinal, o fim...
(Sem esperança, meu Deus, os dias
Que tenho deante de mim!)

XI

Ó pallidez das tardes ermas,
Ao chegar do estio!
O' tardes, sois virgens enfermas
A tremer de frio.

O' poentes, estendaes de flores
No astreo jardim!
O' poentes, sois os trovadores
Que choraes por mim.

O' nuvens brancas, fugindo
Do sul para o norte!
O' nuvens, tambem vou indo,
Como vós, para a morte.

O' noites amplas, noites serenas,
Horas de luar!
Como é triste soffrer tantas penas
Longe do mar...

XII

VINHA nascendo a aurora como nasce
O sorriso na face
De quem nunca soffreu.
Um jorro de rubis e de topasios
Tombara sobre o valle angelical, onde eu
Colhia flores que eram crysoprasios
Orvalhados pelo céu...
Da minha mocidade os sonhos mortos
(Da minha morta mocidade) vinham
Ante mim como naus buscando portos,
E bem longe se detinham.
Porque, depois de tantas esperanças,
Esses chaos de infortunio?
Alma, é bem certo que jamais alcanças
A paz sagrada do teu plenilunio!

E contemplei o céu, onde surgia
O dia...
Sol, ó sol! astro rei dos espaços,
Rubra tulipa imperial,
Illuminae no occaso os meus cançados braços
Com toda a vossa luz de purpura real!
Para que elles possam,
Cheios dos clarões dos olhos teus
(São beijos que pelos meus labios roçam),
Erguer-se a Deus!

XIII

- O amor tem vozes misteriosas
 No coração implume...
- Como são cheirosas as primeiras rosas,
E os primeiros beijos como têm perfume ^

- O amor tem prantos de abandono
 No coração que morre...
- As folhas tombam quando vem o outomno,
 E ninguém as soccorre!

- O amor tem noites, noites inteiras,
 De agonias e de lethargos...
- Que tristeza têm as rosas derradceiras,
E os ultimos beijos como são amargos!

XIV

TODO o antigo passado
Volta, como um finado
Que sahisse da cova.
Risos ao longe e perto...
E á luz do luar incerto
Floresce a illusão nova.

As lagrimas de outrora
Seccaram-se: não chora
A alma que a poeira augura
Clarões no céu: renasce
A flor na mesma face
Que espera a sepultura.

E' a illusão derradeira.
Eil-as, pobre caveira,
As mortas alegrias.
Nem urzes, nem abrolhos...
Resurgem novos olhos
Nas orbitas vasias.

XV

DE VERLAINE

MINHA vida descança
Num sonho sem lampejos:
Dormi, toda a esperança,
Dormi, ó meus desejos!

Do mal, do bem transviada,
Perco toda a memoria.
Eu não vejo mais nada...
Oh! a triste, a triste historia!

Eu sou uma redoíça
Que leve mão fagueira
Em silencio baloiça
Da sepultura á beira...

XVI

TALVEZ o derradeiro occaso
De uma esperança... De quem?
E' o por-do-sol longinquo e raso,
Que aos poucos tombando vem.

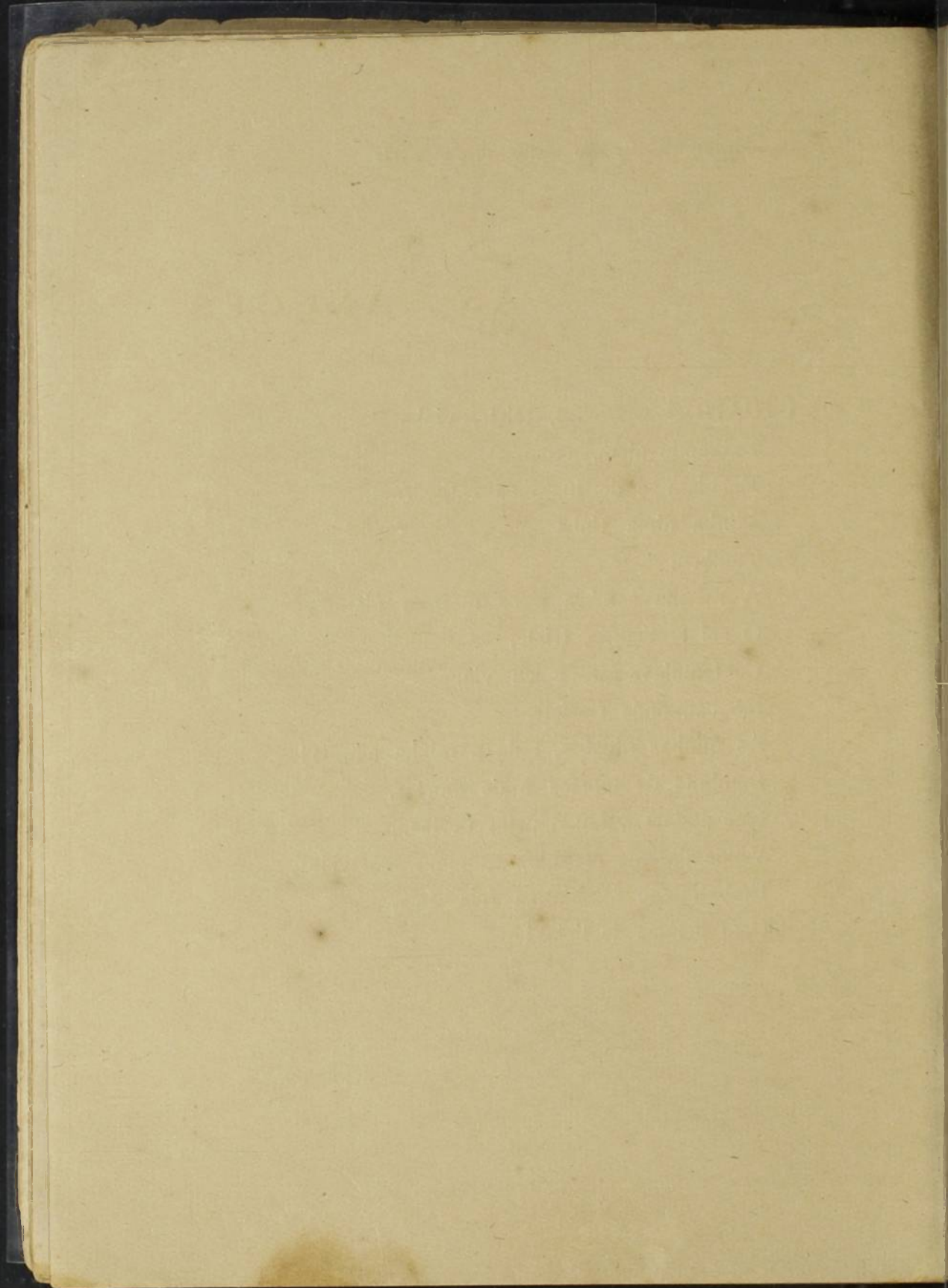
As roseiras do vallado
Estão mais doridas que eu...
Pensam talvez no meu noivado,
— Sonho de amor que já morreu.

Pobres roseiras desbotadas,
Que estaveis todas em flor!
As rosas são como as amadas:
Quando amam perdem a cor.

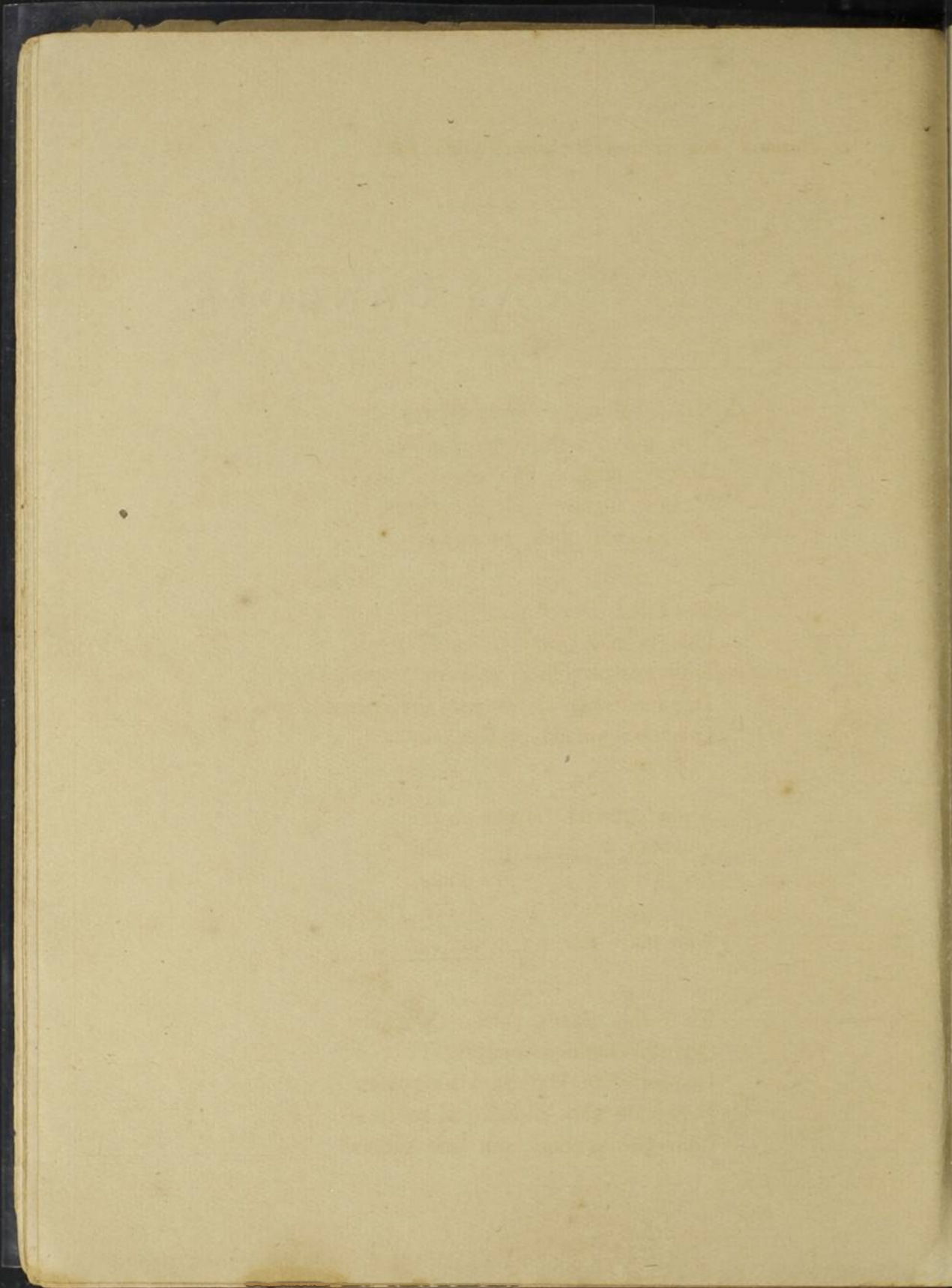
E' a hora da magua que tive,
Silencio de extrema uncção...
Flores, talvez eu vos cultive
Para enfeitar o meu caixão.

XVII

QUANDO o occaso, triste, vinha
Baixando alem,
Enchiam-se de lucto as cathedraes.
Minha alma tinha
Tambem
A mesma sombra e os mesmos ais.
O sol tombando, triste,
Contemplava-me, e eu via,
No céu onde floriste,
As minhas illusões, toda a minha agonia!
Sombras de mortos e de mortas,
Que andaes velando pelas portas,
Vinde dar-me consolo aos meus martyrios.
Embalsamae minh'alma fria, fria,
Com petalas de lirios!



AS CANÇÕES



I

ANDO colhendo flores tristes:
Um goivo aqui, outro acolá...
Moças, porque não me sorristes?
Vossos sorrisos, flores tristes,
Eu não sei quem os colherá.

Eu colho flores para os noivos
Que já não querem sonhar mais.
Nos vossos olhos nascem goivos...
Dae-me essas flores para os noivos
Que têm amadas celestiaes.

Ando colhendo rôxas flores:
Quantas saudades não colhi!
Eu já não tenho mais amores,
Pois vossos beijos, rôxas flores,
Não mais florescem por aqui.

Eu colho flores para as mortas...
Quantos sepulcros enfeitei!
Dae-me grinaldas para as portas
Por onde vão sahindo as mortas
Com que sonhei, com que sonhei!

II

A BENÇAM DO LUAR

O perfume da lua entrou-me dentro da alma,
O seu aroma abriu as azas sobre mim:
A sua luz de cirio illuminou a palma
Aberta ante o fulgor do celico jardim.

Sons de violinos, sons de ignotos violoncellos,
Citharizavam pelo espaço indefinido.
E descia do luar, sob os threnos singelos,
Uma nova oração, ungingo cada ouvido.

Quanto trigo a florir na sempiterna seara!
Subia para o céu, como para um altar,
A hostia da lua que a mão de Deus consagrara...
Ia em tudo o silencio: era a bençam do luar.

Havia em cada estrella a esperança de um sonho.
Eram ninhos de luz, donde os olhos das Santas
Baixavam sobre a terra o seu claror tristonho,
Na imperecivel dor de exiladas infantas.

Ai! quantos corações se perdiam em prece,
Galgando as barbacans deste castello em paz.
Um novo astro sorri, outro desaparece:
— Almas no campo santo estellar do Aqui-Jaz.

Nos calices em flor das estrellas fulgia
O sublime clarão dos edens encantados,
Emquanto a lua, abrindo o seio, branca e fria,
Derramava no azul corôas de noivados.

E vi florir em mim a saudade tão calma
Que nos faz tanta vez pelos mortos rezar...
O perfume da lua entrou-me dentro da alma.
Ia em tudo o silencio: era a bençãem do luar.

III

Ai! flores para enfeitar-te o leito,
Hei-de colhel-as no teu olhar.
Goivos nas tranças, lírios no peito,
Para eu beijar!

Ai! beijos para florir-te a boca,
Hei-de colhel-os no meu jardim.
Vieste cantando como uma louca
Por onde vim!

Ai! sonhos para sonhar contigo,
Que Deus m'os dê da mais bella cor...
Vieste poisar sobre o meu postigo,
Ave do amor!

Se astros tivesse, punha-os no solo
Por onde agora vens afinal...
Lábios e beijos!... Abre o teu collo,
Garça real!

IV

OLHOS

OLHOS sublimes, sombras chinezas,
Sob a arcaria das sobancelhas...
Solar magnifico, onde princezas
Passam de tunicas vermelhas...

Olhos de poente, luares remotos
Por entre torres inaccessiveis...
Rosas e lirios, goivos e lotos,
Rôxas violetas impassiveis...

Olhos viuvos, santos, blasphemos,
Ladainha dos Sete Peccados...
Nuvens doiradas de cysanthenos,
Sonhos de mysticos noivados...

Olhos pungentes, que choraes tanto,
Dias de lucto, noites em calma...
Instrumentados por algum Santo
Para o responso da minh'alma...

Olhos profundos, florindo juntos,
Cheios do sangue dos sacrificios...
Eças armadas para defuntos,
Dobres dos ultimos officios...

Olhos, olhares evocadores
De espectros mudos de altivo porte...
Fechae a campa dos meus amores,
Officiantes da minha morte!

V

CYSNES BRANCOS

O' cysnes brancos, cysnes brancos,
Porque viestes, se era tão tarde?
O sol não beija mais os flancos
Da montanha onde morre a tarde.

O' cysnes brancos, dolorida,
Minh'alma sente dores novas.
Cheguei á terra promettida:
E' um deserto cheio de covas.

Voae para outras risonhas plagas,
Cysnes brancos! Sêde felizes...
Deixae-me só com as minhas chagas,
E só com as minhas cicatrizes.

Venham as aves agoireiras,
De risada que esfria os ossos...
Minh'alma, cheia de caveiras,
Está branca de padre-nossos.

Queimando a carne como brazas,
Venham as tentações damninhas,
Que eu lhes porei, bem sob as azas,
A alma cheia de ladainhas.

O' cysnes brancos, cysnes brancos,
Doce afago de alva plumagem!
Minh'alma morre aos solavancos
Nesta medonha carruagem...

VI

BARCAROLA

A ZENAIDE, MINHA ESPOSA

— Gondola branca no alto mar,
No céu a lua vem vogar...

Embora seja céu de estio,
As estrellas morrem de frio.

Anjos e virgens, a tiritar,
Pegam dos remos para remar.

Ha freiras santas de mãos cruzadas,
Por sobre as ondas ajoelhadas.

Ondas ou nuvens, o céu ou o mar,
Gondola branca, lua a vogar.

Barquinha santa que não tem vela,
Nossa Senhora vem dentro della...

O timoneiro está num altar:
E' Bom Jesus entre véus de luar.

Miro a Rainha das Rainhas;
No collo tem duas filhinhas.

Miro-as com os olhos... e eis-me a chorar.
A via lactea é como um collar.

“Ai! tantos astros e tantas ilhas...
Para onde as levas? São minhas filhas.”

Desperto, e ao vel-as ao despertar,
Dormindo juntas, fico a rezar.

— Que bem estavam! penso, mas digo:
Antes commigo, mais commigo!

VII

MINH'alma é a torre de uma igreja:
Passa de lucto o sacristão...
A coruja que nella adeja
E' o meu proprio coração.

E o sacristão que nunca dorme
(E' um esqueleto que não conheço.)
Sobe a escadaria enorme
Que não tem fim nem tem começo.

Sobe e põe-se lá de cima,
Como dolente trovador que é,
A dizer versos onde a rima
E' a uncção de um peito cheio de fé.

São psalmos tristes, mortuarios,
Profundas preces de penitencia.
Surgem imagens de calvarios,
No fim de cada uma existencia.

Matinas, vespervas, completas,
Soluçam na sua voz.
Seguem-se horas de silencio, inquietas,
De uma agonia atroz.

E o sacristão, todo de preto,
Beija o retrato de uma dama.
E' bem gentil este esqueleto
Fazendo um gesto de quem ama.

Só neste instante é que, fitando
Os finos ossos que Deus me deu,
Me reconheço no miserando
Espectro vil: sou eu! sou eu!

Quando morre quem quer que seja,
O sacristão põe-se a rezar.
Minh'alma é a torre de uma igreja,
Que tem um sino sempre a dobrar...

VIII

QUANDO chegaste, os violoncellos
Que andam no ar cantaram hymnos.
Estrellaram-se todos os castellos,
E até nas nuvens repicaram sinos.

Foram-se as brancas horas sem rumo,
Tanto sonhadas! Ainda, ainda,
Hoje os meus pobres versos perfume
Com os beijos santos da tua vinda.

Quando te foste, estalaram cordas
Nos violoncellos e nas harpas...
E anjos disseram: — Não mais acordas,
Lirio nascido nas esarpas!

Sinos dobraram no céu e escuto
Dobres eternos na minha ermida.
E os pobres versos ainda hoje enlucto
Com os beijos santos da despedida.

IX

ERAS a sombra do poente,
Em calmarias bem calmas;
E no ermo agreste, silente,
Palmeira cheia de palmas.

Eras a canção de outrora,
Por entre nuvens de prece;
Pallidez que ao longe cora
E beijo que aos labios desce.

Eras a harmonia esparsa
Em violas e violoncellos;
E como um vôo de garça
Em solitarios castellos.

Eras tudo, tudo quanto
De suave esperança existe;
Manto dos pobres e manto
Com que as chagas me cobriste.

Eras o Cordeiro, a Pomba,
A crença que o amor renova...
E's agora a cruz que tomba
A' beira da tua cova.

X

VELHAS VERDADES

COMO o dia de agora, triste
Virá o dia de amanha...
Sempre a ameaça da espada em riste
Sobre a alma crente, sobre a alma van

Embalde as mãos, postas em prece,
Pedem pelos peccados teus...
A esperança não mais floresce.
Calou-se ha muito a voz de Deus.

A aurora de hoje se assemelha
Com a que virá. Vem outra após...
Tem sempre a mesma cor vermelha,
Que é como o sangue de todos nós.

O olhar nos mente, o beijo é anargo,
Anda a desgraça em cada amor.
A alma humana soffre o lethargo
De um astro morto ou de uma flor.

Quando virá o ultimo occaso,
Amortalhado entre galões?
Seguem pelos areiaes do acaso
As caravanas dos corações.

Esta alameda que palmilho,
Outros a vieram palmilhar.
Por ella seguirás, meu filho,
Inundado no mesmo luar.

Que vale o inverno, a primavera,
A noite ou o dia, a treva ou a luz?
Só sabemos que nos espera
No fim da estrada sempre uma cruz.

XI

BOAS festas! Boas festas!
Amigos, que m'as enviaes,
Acho-as tristes e funestas...
São rezas de funeraes.

Mandar-vos quizera agora
As lyras de uma canção...
No emtanto, a minh'alma chora
As noites de um cantochão.

Sei que é noite de alegria
Esta noite de Natal...
Que encanto a Virgem Maria
No seu presepe real!

Sorri-lhe Jesus ao collo.
E' a aurora da nova fé.
Florescem lirios no solo
Onde pisa São José.

O vento açoita as palmeiras
E os sonhos fulgem ao luar...
São illusões passageiras,
São naus perdidas no mar.

O dia primeiro do anno
E' igual ao que vem no fim...
Desengano, desengano
E' a estrada por onde vim.

Vêm depois os trez Reis Magos
Beijar os pés de Jesus...
O Cruzeiro, em signaes vagos,
Estampa na terra a Cruz.

Tradições, chimeras, lendas...
Ninguem crê na eterna voz.
Que vale, Senhor, que estendas
O teu carinho até nós?

E Jesus, o Bem-Amado,
Afinal da terra exul,
Surgirá crucificado
No aureo Cruzeiro do Sul!

XII

CÓRO de archanjos para os teus ouvidos,
As barcarolas com que sonhaste
Gemem no lar desfallecido..
Ah! quantos lirios nellas tombam da haste!
E tantas rosas, quantas,
Por ellas desfallecem como Santas!

Pois o luar é formado das mais suaves
Petalas brancas: ninho
De alvas plumagens de aves
Cheirando a rosmaninho...

E' um rosal cheio de harpas: quem ama,
Vendo-o florir de beijos o caminho,
Saudades tem do olhar da sua dama...

E' um consolo suavissimo: quem soffre
Acolhe na alma os raios desmaiados
— Perolas a cahir de um cofre —
Como allivios nunca sonhados.
Feliz de quem, quando nasce,
Recebe por entre frestas
Beijos de lua na face...
Caricias não ha como estas,

O luar, que pelo céu maguas espalha,
E' o estendal de sudarios: quem morre
Vae pedir-lhe a mortalha
Silenciosa que nos soccorre...
E' a inefavel ternura: o proprio cego,
Tão infeliz que não conhece a lua,
Recebe na alma todo o seu socego
— Ondas de lago que além fluctua.

Não são sómente os desgraçados
Que procuram as horas mortas:
Ao luar, felizes sonham noivados...
A lua bate a todas as portas.

E' um cemiterio cheio de almas,
De hieratica dolencia...
Todos levam nas mãos as brancas palmas
Que florescem na outra existencia.

Doce escombral de ruinas, montão de ossos,
Carinho angelical das noites tristes!
Urna de padre-nossos,
Como estás longe, como perto existes!

Deixa cahir sobre a minh'alma illesa,
Livro de horas e de lóas,
As notas brancas da sublime reza
Que em surdina entóas...

XIII

BARCAROLA

QUANTAS grinaldas pelo céu:
Alguem de certo vae casar.
A lua cheia toma o véu
E segue rumo de além-mar.

Para onde vae a deusa errante,
Macerada, cheia de maguas?
Sacode a cabelleira ondeante
E esparze lirios sobre as aguas.

O céu é inteiramente azul,
O mar está da mesma cor.
Calma no norte, auras no sul...
Como a lua chora de amor!

Astro de sonho e de quebranto,
Talvez com teu noivo te escondas
Nalgum castello ethereo e santo,
Edificado sobre as ondas...

Quantas grinaldas pelo céu!
Alguem de certo vae casar.
Bem vejo que tomas o véu
E segues rumo de alem-mar.

No branco véu das confessandas
Envolves a alva cabelleira...
Tens nas largas azas pandas
Flores, como uma laranjeira.

O céu é inteiramente azul,
O mar está da mesma cor...
Vaes para o norte ou para sul?
Onde o ninho do teu amor?

XIV

EVOCações

A'S vezes, na hora dos poentes,
Temos saudades de algum olhar.
Olhos de alem, olhos pungentes...
E surpreendem-nos a chorar.

Uma aza de anjo pela alma passa,
A's vezes na hora dos poentes.
Quem nos beijou? E' o luar que esvoaça,
Cheio de lagrimas silentes.

O passado são flores mortas
Atiradas pelos caminhos,
Visões que batem ás nossas portas
E que nos vêm coroar de espinhos.

Mar do passado, que vento incerto
Anda gemendo nas tuas vagas?
Ninguem sabe o numero certo
Das cidades ermas que alagas,

A vida... o mar... tantos escolhos...
O barco treme, partem-se os remos.
E passa diante dos nossos olhos
Uma vida que já vivemos.

Passa diante de nós a vida
Irreparavel porque não volta.
A alma sem fé, ave perdida,
O mesmo canto já não solta.

Se nós olhamos para traz,
Quantos mortos vamos revendo!
Este é o sepulcro em que ella jaz...
Foi hontem que eu a vi morrendo.

Passado... mar de astros e lodos.
E' a mesma dor que nos consome:
Pois ha na historia de nós todos
Cruzes tombadas, covas sem nome.

Saudades tristes do passado,
Quem neste mundo não as tem?
Vamos subindo o monte descaldado:
Atraz de nós ha-de ficar alguém.

Como o Senhor dos Passos, nós paramos
Para contemplar a nossa dor...
Bemdicta quem nos segue quando vamos,
Feliz de quem tem Mãe como o Senhor!

XV

MANHANS hilares, manhans
Cheias de alegrias vans
E de vãos contentamentos.
Estou coberto de cans...
São os ultimos momentos.

Estou bem pobre, bem pobre!
Da alva ao poente cor de cobre,
Por mares de alem viajo...
E este manto que me cobre
É o meu derradeiro andrajo.

Doce alma, como te vaes
Gemendo de fragua em fragua...
Noites de inverno, glaciaes,
Noites que não findam mais,
Abrigae a minha magua!

Eu só conheço o caminho
Que volta para a saudade.
Tedio atroz, meu bom vizinho,
Tende dó deste velhinho,
Tão velho na flor da idade...

XVI

NA primavera que era a primeira,
Mãos estendidas a pedir esmolas,
Da estrada fui postar-me á beira.
Eram motivos de uma barcarola,
Barcarolando em flautas, e flautins, e violas:
E nuvens claras, collos de garça,
Voavam na grande melodia esparsa.
Nunca os meus olhos tinham chorado!
Como eu era não mais me contemplo...
Pedia a esmola de um noivado
E havia tantos a seguir o meu exemplo.
E do nascer do sol ao fim do dia,
Cada um pedia o que eu pedia.
Passavam moças na flor da idade,
Moças que não tinham de que ter saudade.
Cada uma dellas escolhia um noivo,
Que lhe beijava o olhar entre sombra de goivo.
Foi então que te vi, quando me viste...

Baixava a tarde, o luar chorava e tu sorriste,

Na primavera que era a derradeira,
Mãos estendidas a pedir esmolas,
Da estrada fui postar-me á beira.
Brilhava o sol e o arco-iris era a estola
Maravilhosamente no ar suspensa...
Como os teus olhos tinham chorado!
Pedia a esmola da crença,
Porque estava abandonado.
Passavam moças (ah! não mais na flor da idade!)
E como tinham de que ter saudade!
Como uma flor fanada tomba da haste,
O amor cahiu-nos da alma e tu choraste,
Tons de exilio no céu e um poente de martyrio:
E entre nuvens iriaes com que sonhaste,
Cada anjo tinha na mão um cirio.
Eram motivos de um responsorio
Em catacumbas de alem-céu perdido,
Num occaso merencoreo.
Chorei como um desilludido
Deante do Templo...

E ninguem quiz seguir o meu exemplo!

XVII

SERENADA

A HENRIQUE MALTA

DA noite pelos ermos
Choram violões...
São como enfermos
Corações.

Dorme a cidade inteira
Em agonia...
A lua é uma caveira
Que nos espia.

Todo o céu se recama
De argentea luz...
Uma voz clama
Por Jesus.

A quietude morta
Do luar se espalma...
E ao luar, em cada porta,
Expira uma alma.

Passam tremendo os velhos...
Ide em paz,
O' evangelhos
Do Aqui-Jaz!

Toda a triste cidade
E' um cemiterio...
Ha um rumor de saudade
E de mysterio.

A nuvem guarda o pranto
Que em si contem...
Do rio o canto
Chora alem.

De sul a norte passa,
Como um segredo,
Um hausto de desgraça:
E' a voz do medo...

Ha pela paz nocturna
Um celestial
Silencio de urna
Funeral...

Pela infinita magua
Que em tudo existe,
Ouço o marulho da agua,
Serenos e triste.

Da noite pelos ermos
Choram violões....
São como enfermos
Corações.

E em meio da cidade
O rio corre,
Conduzindo a saudade
De alguém que morre...

XVIII

SOIDÃO

O outomno, o inverno, a primavera, o estio,
Uma após outra vêm e ellas todas se vão...
No entanto o inverno regelado e frio
E' a minha unica estação!

Passam mezes e eu, pobre, pobre, pobre,
Cada vez mais velho, vou pedindo esmolas...
O' vida triste de um ancião tão nobre,
Como entre sombras sepulcraes te evolas!

Minha barba é branca, meu cabello tomba...
Tão cedo viestes, minhas doces cans!
Minh'alma é como um ninho de pomba
Onde não entra o sol das manhãs...

Passam annos e eu, pobre, pobre, pobre,
Cada vez mais velho vou pedindo esmolas...
Uma nesga de azul toda a minh'alma cobre.
Nos meus olhos o luar soluça barcarolas.

Quem ha-de acompanhar este mendigo,
Pelas escarpas onde sangra os pés?
O' poentes de ultra-mar, vinde sonhar commigo!
Quero para morrer pompas que vi nas Sés...

XIX

SE eu acabar pobre ceguinho
Que abre os tristes olhos em vão,
Para guiar-me pelo caminho,
Dar-me-ás a mão...

Se eu morrer surdo, com pezares,
Não mais ouvindo o que se diz,
Olha-me! Ao ver os teus olhares,
Serei feliz...

Se eu acabar mudo, sem lingua,
Temendo o meu terrível fim,
Não me deixes morrer á mingua.
Pede por mim...

Se eu morrer cego, surdo e mudo,
Monte de ossos que espera o pó,
Commigo está! Sofrerei tudo
Comtigo só...

Se eu acabar na enfermaria
De algum tristissimo hospital,
Pede allivio á Virgem Maria
Pelo meu mal...

Se eu morrer a pedir esmolas,
Que seja pelo amor de Deus.
Hei-de cantar as barcarolas
Dos olhos teus...

XX

AI! tão velhinho nos meus velhos annos,
Ai! tão...
Que de olhos tristes foram soberanos
Do meu coração!

Peregrinando a sós pelas devezas
(Chorava o luar.),
Eu ás estrellas murmurava: Altezas,
Quero morrer de vos amar...

Rosas que visse, beijava-as: punha
A mão tremente sobre o coração...
Nunca suppuz, nunca suppunha,
Que as flores fossem como são.

Era tão menino neste tempo de oiro,
Tinha tão pura candidez,
Que ao ver um fio de cabello loiro,
Sentia doce rubor na tez...

As damas eram para mim as Santas,
Que tinham nichos no meu coração...
Depois, depois, amei a tantas
Que já nem sei quaes foram, nem quaes são.

Atorçalado de lírios brancos
(Chorava o luar.),
Os astros vinham beijar-me os flancos,
Florir-me o olhar.

Mas quem se lembra do que fui? Tão velho,
Ail tão...
Leio passagens do Evangelho
E sinto morto o coração.

XXI

VENTURA

PELA calada
Da noite triste
Vae caminhando a doce amada...
O luar, que só para quem soffre existe,
Coado por entre a ramaria espessa,
Corôa-lhe a cabeça
De rainha
Com uma corôa ideal que nunca será minha...

E' um halo que resplandece
Em derredor dos seus cabellos bastos,
Como um hymno de prece...
Oh! epithalamios castos!
E ella caminha,
No chão maguando os pés de lirio...
Ai! pobre Santa, ai! pallida Rainha,
Que vaes para o martyrio...

Sonho que vou ao seu encontro. Paro
Ante a belleza etherea do seu rosto.
E' ao seu fulgor que todo me enluaro...
O seu olhar tem raios de sol-posto.

Sorri-me a doce flor dos seus labios vermelhos,
E ella se cala, e eu me calo...
Sinto que irei tombar de joelhos.
O halo
De luz sublime
Mais se augmenta em redor da sua aurea cabeça.
E' um resplendor que não se exprime,
Coado por entre a ramaria espessa.
Pegando-lhe nas mãos, ao sentil-a commigo,
Serenamente digo:
"Todo o velho desconforto
Dos meus dias sem luz ponho a teus pés...
Piedade, amor! Resuscita o morto,
Por seres tu quem és!
Eu nos teus braços, p'ra que mais te amasse,
Todos os sonhos e esperanças puz,
Como se os collocasse
Nos braços de uma Cruz!"

De repente o amplo espaço se auroriza
E tudo em derredor de mim fulgura...
A imagem della pelo céu deslisa:
Foi-se a minha ventura!

E cheio de saudade,
Errante, combalido,
Procuro-a nesta soledade,
Como quem procurasse, em noite de mysterio,
Algum anjo perdido
Por entre as covas de um cemiterio...

XXII

CARMEN COREANO

POR uma estrada, ao pé de uma montanha,
Eu seguia. Era um pôr-do-sol do estio.
Leques de nuvens tremulas na estranha
Quietude do espaço. Ao longe, um rio.

Havia ao lado um bello pecegueiro,
Florido em astros, estrellado em flores...
Vinha o occaso envolvel-o todo inteiro
Num circulo de roseos resplendores.

O vento que soprava á luz do poente,
As flores espalhava pela estrada:
E as petalas cahiam lentamente,
Como se fosse neve perfumada.

E as petalas voavam: sobem, descem,
Aos claros do pôr-do-sol do estio.
São como borboletas que tivessem
O coração completamente frio.

Muitos salgueiros vi depois, e as suaves
E castas flores, de algodão e linho,
Aqueciam os corações das aves,
Que nelles vinham construir o ninho.

E eu disse para mim: Como estas flores,
Nós somos e murçamos... Mas quem dera
Que tambem nós pudessemos de amores
Reflorir na vindouira primavera!

XXIII

O' poente que te vaes em sombras mortas,
Para voltar depois,
Suavidade que desconfortas,
Como somos eguaes os dois!

Envolto em nuvens côr de sangue, choras
Todos os dias o dia findo...
E como rosas, depois, auroras,
No teu seio vão-se abrindo.

E de novo te desabrochas,
Cheio de vida, para depois
Bruxolear num clarão de tochas,
Seguindo o enterro de nós dois...

E no outro dia as mesmas rosas
No teu seio vão-se abrindo...
E voltam lagrimas chorosas
Depois, chorando o dia findo.

O' poente que te vaes em sombras mortas,
Para voltar depois,
Soffro o martyrio que tu supportas...
Ah! não poderemos morrer nós dois!

XXIV

TERCETOS DE AMOR

SENHORA, não pode quem
Soffre assim como soffreis
Querer mal e querer bem.

Bemquerida vós sereis
Por toda a corte do Céu
E pelas cortes dos reis:

Mas querer-vos tal como eu
Ninguem no mundo vos quiz
Nem mostras de amor vos deu.

Ora o vosso olhar me diz
Que nem por sombras me quer,
Com seus olhares subtis,

Ora que não, que mulher
Sendo amar inda podeis,
Se o vosso peito quizer.

Afortunada sereis
Se vos condoerdes de nós,
Pois o que soffro soffreis.

Attendei á minha voz,
Que sendo minha como é
Não deixa de ser de vós.

Amemo-nos a la fé.

XXV

O cinnamomo floresce
Em frente do teu postigo:
Cada flor murcha que desce
Morre de sonhar contigo.

E as folhas verdes que vejo
Cahidas por sobre o solo,
Chamadas pelo teu beijo
Vão procurar o teu collo.

Ai! Senhora, se eu pudesse
Ser o cinnamomo antigo
Que em flores róxas floresce
Em frente do teu postigo!

Verias talvez, ai! como
São tristes em noite calma
As flores do cinnamomo
De que está cheia a minh'alma!

XXVI

EXISTEM junto da fonte,
Crescidas á luz do luar,
Duas arvores defronte
Da janella do teu lar.

O coqueiro e o cinnamomo
Nasceram do mesmo chão...
De noite são tristes como
Quem morre do coração.

A fonte dorida chora
Por entre seixos de luar,
Quando se fecham, Senhora,
As janellas do teu lar.

E o coqueiro, todo em palmas,
Beija o cinnamomo em flor...
Imagem das nossas almas
Unidas no mesmo amor!

XXVII

ARIA

VOS bem sabeis que a cotovia
(De noite canta o rouxinol)
Bem não sauda o alvor do dia
Fugindo vae á luz do sol.

A noite é paz, é guerra o dia.
Eu amo o luar, desprezo o sol...
Minh'alma é como a cotovia,
Minh'alma é como o rouxinol.

XXVIII

CANÇÃO DO OUTOMNO

VERLAINE

OS soluços graves
Dos violinos suaves
Do outomno
Ferem a minh'alma
Num langor de calma
E somno.

Suffocado, em ancia,
Ai! quando á distancia
Sôa a hora,
Meu peito maguado
Relembra o passado
E chora.

D'aqui, d'ali, pelo
Vento em atropelo
Seguido,
Vou de porta em porta,
Como a folha morta
Batido... •

XXIX

CARMEN COREANO

À margem de um ribeiro crystalino
Um lirio desabrocha castamente.
Na opposta margem, outro lirio, em frente
Ao céu, entreabre o calice divino.

Cheios de luz, contemplam-se maguados...
Mas, ai delles! o múrmuro ribeiro,
No argenteo curso a deslizar ligeiro,
Separa os dois albentes namorados.

E' o silencio dos mantos e dos valles.
Scintillando em celestes resplandores,
Uma gotta de orvalho, a alma das flores,
Treme no fundo irial de cada calix...

Da anciedade nos pavidos extremos,
Cada um, ao sol a pino, resplandece...
E de um e de outro sae a mesma prece:
Porque na mesma margem não nascemos?

Mas um dia, na vespera luctuosa,
Hão de os lírios pender do hastil esguio...
E então, mortos de amor, mortos de frio,
Vasarão no ribeiro a alma radiosa,

E só então as gotttas rorejantes
Unir-se, castas, poderão emfim...
Ha assim no mundo corações amantes,
Ha almas tambem assim!

XXX

— Trovador, as tuas trovas
Têm o perfume dos lírios
E o pallor das luas novas...
— São flores para martyrios,
São goivos por entre covas.

— Os olhos das bem-amadas,
Cheios de um luar enfermo,
Por ellas cantam balladas...
— São cirios que morrem no ermo,
Onde as vejo sepultadas.

— Tu que és moço, que o foste hontem,
Embora tão velho de alma,
Tens lendas, como se as contem
Phantasmas em noites calmas...

— Ando pelas sepulturas,
Como os nocturnos vampiros.
Seguem-me visões impuras,
Em laudares de suspiros.

Vagueiam nos meus sonetos,
Caminham pelos meus cantos,
Os mais altos esqueletos
De peccadores e santos...

Nunca tive mocidade,
Nasci mais velho que a lua...
Minha mãe era a saudade:
Deixou-me exposto na rua.

Nasci em leito de rosas
E morro em leito de espinhos...
O' mães que sois caridosas,
Velaes por vossos filhinhos!

Não os deixeis ao relento
E nem vagar pela rua...
Que elles nem por pensamento
Saibam das phases da lua.

Que é desse mancebo triste,
Meio moiro, meio gôdo?
Nada delle mais existe...
Envelheci-me de todo.

Como, Jesus, me esqueceste
Nesta horrivel soledade!
Aos trinta e tres tu morreste...
E eu já tenho a tua idade.

E eu que sonhava, coitado!
Na infancia, um sonho como este:
Ai! que a ninguem fosse dado
Viver mais que tu viveste!

E como hoje hei-de ir avante,
Si já nem sei o meu nome?
A morte era a minha amante...
Esta mesma abandonou-me.

Minh'alma é tão enrugada
Como a face de um velhinho...
O' corpo, toma poisada,
Que estou no fim do caminho.

— Os olhos das bem-amadas
Deixaram-te em abandono...
Já não cantas mais balladas
E vives cheio de somno
Em meio das sepultadas.

Entretanto, as tuas trovas
Tinham perfume de lirios,
Pallares de luas novas...
— Deixae-me com os meus martyrios,
Deixae-me cavando covas!

XXXI

VOU subindo por uma escarpa
Que vae ter á mansão divina.
Em cada corda da minha harpa
Canta uma estrella vespertina.

Em meio de luzes tantas,
Que sempre refulgirão,
Vejo astros ás minhas plantas
E colho estrellas com a mão.

Quantos sublimes resplandores
Scintillam castos no meu peito!
São os responsos precursores
Da paz do meu ultimo leito.

Minh'alma é arvore deserta
Que o outomno vem desfolhar.
Quando o sonho me desperta,
No meu peito canta o luar...

O inverno passa, a primavera
Esconde-se entre alas de lirios:
Mas minh'alma sempre espera
Dores novas, novos martyrios.

Tudo me é sonoro e suave :
Imperolado de sol,
Bate as suas azas de ave
No meu peito um rouxinol.

As minhas illusões são rosas
Esfolhadas por mãos celestes ;
São como brisas silenciosas
Entre alamedas de cyprestes.

No campanario onde me acho,
Entre cytharas de luar,
Contemplo a lua debaixo
Da minh'alma, a soluçar...

XXXII

A CORRENTE

TODOS vós que me ouvis, fazei reparo:
Assentae-vos á beira da corrente.
Prestae ouvido. Eil-a que vae, silente,
Por sobre os seixos do seu leito claro.

Se alegre estaes, cantae o vosso canto
De amor; se triste sois, choraes agora:
Que a alva corrente cantará canora
E ha de chorar comvosco o vosso pranto.

Se a alma tiverdes cheia de queixumes,
Que dôr nas aguas sentireis! Mas, quando
Irado estaes, eil-as que vão ecoando
Todo o vosso clamor de ira e de ciumes...

Oh! não creiaes no marulhar das aguas,
Almas ledas, e vós, almas sombrias:
Ellas riem com as vossas alegrias,
Ellas choram tambem com as vossas maguas.

XXXIII

YSMALIA

QUANDO Ysmalia enlouqueceu,
Poz-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E no desvario seu,
Na torre poz-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As azas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As azas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

XXXIV

. . . Pois foi á luz estranha e livida do luar
Que segui pela vida, a cantar, a cantar.

Si vinham para mim os passaros em bando,
Eu lhes beijava o bico e seguia sonhando.

Na terra nossa tudo era paz, era paz.
Quantas vezes beijei as cruces do Aqui-jaz!

Serenamente vinha a aurora resurgindo.
E o pezar que tombava ao sol-pôr era lindo...

Tudo me vinha prenunciar que o meu amor
Era mais triste que o silencio do sol-pôr...

Vaguei com tanta magua anciada pelos montes!
Acompanhou-me sempre o soluçar das fontes.

O silencio da lua envolvia-me o olhar,
E eu olhava para ella afim de não chorar.

Tudo me vinha acompanhar os tristes passos
E o proprio céu me abria os seus infindos braços.

Erguendo o olhar eu via a Via que conduz
O peccador até junto á mansão da Cruz!

Depois fiquei na terra humilde soluçando:
Os passaros de amor me beijaram em bando!

Doce amparo da morte! Ancia da vida atroz!
Só pude soluçar: ai de ti! ai de nós!

XXXV

TANTOS sonhos que tive e tantas esperanças,
A rezarem do amor os santos evangelhos!
Vieram cantando como um bando de creanças
E foram-se a chorar como um bando de velhos...

Havia dentro em mim uma luz infinita,
Que enchia todo o céu e enchia toda a terra...
E a minh'alma no azul divagava contrita,
Como a lua maguada á flor das nuvens erra.

As minhas illusões, rosas sempre virentes,
Feneciam num dia e no outro refluíam,
Como virgens que nunca estivessem doentes,
Conservando no rosto o céu para onde iriam...

Pouco a pouco, depois, veio tombando o occaso:
O pôr-do-sol cahiu em cheio na minh'alma...
Os meus sonhos de amor, flores mortas num vaso,
Penderam para o chão e fez-se em tudo a calma.

E' o socego final da velhice, tão meiga!
A neve cae, enchendo os ares de sudarios...
Não mais astros no céu! Não mais flores na veiga!
A cruz chegou ao cimo eterno dos calvarios.

A noite em tudo... Vou tacteante como um cego.
Ai! pobre... Em derredor de ti tudo se engoiva.
Esperarei a morte, a velar em socego,
Como um louco mancebo espera a sua noiva...

Que esperas tu, aldean? Vae fazer o teu ninho...
— E tu, poeta, ao luar desta noite, que esperas?
— Eu, o velho em descanso á beira do caminho,
Abençôo a sorrir as tuas primaveras...

XXXVI

EU não queria ser o sol, e nem a lua
(O sol é muito alegre, a lua é muito triste),
E nem queria ser a formosura tua,
Nem aquelle sorriso ideal que me sorriste.

Eu não quizera ser o occaso que soluça,
Entre ameias de sangue e barbicans de luz;
E nem quizera ser o luar que se debruça,
Em noites brancas, sobre os braços de uma cruz.

Eu não queria ser o lirio que perfuma
Escarpas, alcantis, valles, prados, algares,
E que as petalas fecha e as perde uma por uma,
Como perdi os sonhos meus crepusculares.

Eu não queria ser a estrella que me guia
Desde que a noite tomba até o alvorecer:
Nem som, nem flor, nem luz, nem doce melodia,
E tu propria, Senhora, eu não quizera ser.

Eu não queria ser quem sou! amante e poeta,
Cujo antigo arrabil em notas de ouro chora
Cantigas em louvor da Açucena dilecta
Que brotou dentro em mim, como dentro da aurora.

Eu quizera ser sombra (a minha), esta velhinha
— Até parece que a coitada já morreu —
Que, tendo a familiar figura que é tão minha
E os meus passos senis, não padece como eu!

XXXVII

O LIRIO E A ESTRELLA

UMA fulgente estrella enamorou-se
De um lirio casto, em noite branca e triste.
"Feliz, feliz de ti que me sorriste!"
Murmurou-lhe com aquella voz tão doce
Que só nos labios de uma estrella existe.

Sonhava o lirio á beira de um ribeiro,
E começou tambem a amar a estrella.
Elle, que já vivera um dia inteiro,
Só tinha aquella noite para vel-a...

E o lirio, cheio de dolentes maguas,
Ora no azul do céu mirava a estrella,
Ora a vinha mirar no azul das aguas.

A lua scintillava pelos valles.
Junto ao ribeiro o lirio fenecia...
E emmurhecendo lentamente o calix,
Morreu bem antes de nascer o dia.

E a estrella diz: "Toda a minh'alma parte
Para o teu seio, em pranto ó lirio albente...
Vi-te pendido, morto na corrente:
Desgraçada de mim! Para chorar-te,
Hei-de viver no céu eternamente..."

OS SONETOS

OF BONES

I

DO teu olhar a bençãam vespertina
Encontrou-me de joelhos como um santo.
Uma rosea corôa de amarantho
Te coloria a pallidez divina.

As gottas estellares do teu pranto
Suavisavam a minha triste sina.
E ao ver-te bella assim, moça e menina,
Perdi-me logo pelo teu encanto.

— Quem és, anjo de luz, fada sublime,
Tu que te vens ao pelago perverso,
Esguia como a sombra vã de um vime?

— Iriada, seguir-te-ei pelo universo.
E's poeta, vives só: — eis o teu crime...
Beija-me, pois! Sou a alma do teu verso.

II

SENTI de um corvo sobre mim as azas,
Na hora de magua em que maldisse a vida,
Seus olhos plumbeos eram duas brazas
Num semblante de furia espavorida.

“Eu sou o desespero em que te abrasas
E te estrangulas, como um vil suicida...”
E vi brilhar-lhe nas pupillas, rasas
De sangue, a dôr que vaga sem guarida.

Mas um anjo, cortando a treva muda,
Se levantou: albente luar de cêra,
Ainda mais branco do que era, fez-m’o.

“Sou o amor que tudo em luz irial transmuda!”
E para o amor vivi, como vivera
Para o aniquilamento de mim mesmo...

III

CRYSANTHEMO divino aberto em meio
Da solidão fulgente da minh'alma,
Que te ergues no pavor do meu aneio,
Mais verde e viridente que uma palma!

Pipilas dentro em mim como um gorgueio
De uma ave ao despontar da aurora em calma.
Ninguém dirá jamais de onde te veio
Toda a etherea esperança que te acalma.

Anda a lua em redor da imagem tua,
Embalsamando a celica magia
Que tenue e leve sobre ti fluctua...

Pelas cinzentas horas tutelares,
E' por ti que o sol morre cada dia,
Cançado de mirar os teus olhares!

IV

VAGUEIAM suavemente os teus olhares
Pelo amplo céu todo franjado em linho:
Comprazem-te as visões crepusculares...
Tu és uma ave que perdeu o ninho.

Em que nichos doirados, em que altares
Repoisas, anjo errante, de mansinho?
E penso, ao ver-te envolta em véus de luares,
Que vês no azul o teu caixão de pinho.

E's a essencia de tudo quanto desce
Do solar das celestes maravilhas
— Harpa dos crentes, citula da prece...

Lua eterna que não tivesse phases,
Scintillas branca, immaculada brilhas,
E poeira de astros nas sandalias trazes!

V

A'S vezes, quando o luar nascia, eu vinha
Postar-me em frente do castello, os braços
Abertos para a pallida rainha
Que ia colhendo lirios nos espaços...

Era talvez na adolescencia minha.
Noite de astros em flor. Sussurram passos...
Que suave encantamento me sustinha
Nos fios de oiro de indiziveis laços!

O' Catharina de Athayde, errante
Sombra aromal! O' Laura de Petrarca,
E ó (mais que estas) ideal Beatriz de Dante!

Ereis vós trez a rosa de todo anno
Que me surgia, e cada qual era a Arca
Da minha Alliança ao doce amor humano!

VI

FICAVAMOS sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas:
Eramos duas virginaes palmeiras
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No ether sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras!
O aureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de archanjo prohibido.

Surgia a lua alem, toda de cêra...
Ai como suave então me parecêra
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!

VII

BEM mais chorosa que uma desposada,
Chorava a lua nesta noite fria.
Minh'alma, ao ver o seu pallor, soffria
A mesma infinda magua ciliciada.

Era um passeio ao luar. Pela encantada
Devesa fomos. Teu olhar sorria...
E cada estrella tinha a nostalgia
De não viver em teu olhar, Amada.

Entrámos na floresta. O luar, tão triste!
Vê-te por entre as folhas verdes, vê-me
Todo cheio da luz que tive outrora...

O som do meu primeiro beijo ouviste.
E eu disse então: — E' uma arvore que geme,
E', no silencio, um passaro que chora...

VIII

QUIZERAS ser a Laura de Petrarca
E ter o nome engrinaldado em oiro...
Sentir-te a branca, etherea, sublime arca
Adonde poisaria o amor vindoiro...

Beatriz que Dante, o sempiterno, marca
Com o genio e do céo faz o mor thesoiro...
Natercia que Camões, vencendo a Parca,
Immortaliza pelo Tejo e Doiro...

Quizeras ser qualquer das trez, ou ainda
Essa, que tem p'ra nós memoria infinda,
Bucolica Marilia de Dirceu...

Mas si elles eram tudo e eu não sou nada,
Nenhuma foi como tu foste amada,
Nenhum delles na terra amou como eu!

IX

OLHANDO para o céu contemplo a estrella
Que me levou para o teu seio: vinha
Balindo ao luar, mais alva que uma ovelha,
E arrastava uma cauda de rainha.

Pasmo de amor fiquei, sorrindo ao vel-a:
Como os teus olhos imperiaes, sustinha
O mesmo brilho que entre sóes se espelha...
E vi logo que havias de ser minha.

Era uma noite mysteriosa. E o luso
Coração de aventuras, que palpita
Dentro de mim, sonhou cheio de luz...

— Meiga Senhora! (E as mãos ao peito cruzo.)
Tal uma estrella, em noite aurea e bemdicta,
Guiou os Magos ao seio astral da Cruz!

X

CLARÕES boreaes nos olhos de esmeralda,
Rosicleres de aurora no sorriso:
Cae-lhe o manto de Santa pela espalda,
Envolve-a todo o céu de um paraiso...

— Don'Alda! geme o doce luar. — Don'Alda!
Soluça o occaso tremulo, indeciso...
E vão-lhe os dois tecendo uma grinalda
De oiro e de prata antiga, friso a friso...

Ella é a Nossa Senhora da Piedade,
Que ao expirar do sol agonizante,
Dentro de mim surgiu, branca de fé.

E a minha'alma, que morre de saudade,
Ampara-lhe o fulgor do passo errante
Como um lirial bastão de S. José...

XI

LIRIOS

CADA um de vós, erguendo o eburneo collo,
Verte o aroma subtil que tem no calix,
E é tão pallido ao sol, por estes valles,
Como uma flor anemica do polo...

Saudosamente consolaes os males,
Quer Sellenne desmaie ou surja Apollo:
Beijaes as almas, perfumaes o solo,
Lirios dos montes, lirios dos convalles.

Ha quem vos queira brancos, dessa alvura
Que só vós possuis na terra impura,
E as estrellas no céu, amados lirios...

Não eu: á luz do poente dubio e frouxo,
Lilazes hei de ver-vos, pois o rôxo
E' a sempiterna côr dos meus martyrios...

XII

ROSAS que já vos fostes, desfolhadas
Por mãos também que já se foram, rosas
Suaves e tristes! Rosas que as amadas,
Mortas também, beijaram suspirosas...

Umás rubras e vans, outras fanadas,
Mas cheias do calor das amorosas...
Sois aroma de alfombras silenciosas
Onde dormiram tranças destrançadas.

Umás brancas, da côr das pobres freiras,
Outras cheias de viço e de frescura,
Rosas primeiras, rosas derradeiras!

Ai! quem melhor que vós, se a dôr perdura,
Para coroar-me, rosas passageiras,
O sonho que se esvae na desventura?

XIII

VIOLETAS

BRANCAS, lilazes, rôxas, quasi pretas,
Evocaes o almo odor de antigas comas...
Relembrae-vos talvez das alvas pomas
Onde dormistes como borboletas.

Vôam no vosso virginal aroma,
O' modestas e candidas violetas!
Os beijos dos Romeus e das Julietas
E os sorrisos das Santas nas redomas...

No entanto eu sonho, ao ver-vos escondidas,
Com os cilícios e as chagas purpureadas
E o fel amargo e santo das Esponjas.

— Tendes, por entre as moitas florescidas,
O perfume das virgens desamadas
E o saudoso candor que mata as monjas.

XIV

NADA somos, sabeis, e que seremos
Mais do que duas miseras ossadas?
As loucas illusões em que vivemos
São estrellas que morrem desmaiadas.

Bem longe dos espiritos blasphemos,
— Pobres creanças a ouvir contos de fadas —
Ao céu as nossas almas ergueremos,
Como duas princezas encantadas.

O silencio agoniza pelas naves...
São trindades que vão morrer no poente,
Baixando mudas como vôos de aves...

Que subam para o céu as nossas almas,
Baloçando entre os astros suavemente,
Tão oblativas como duas palmas!

XV

POR entre mil relampagos e raios,
Segui a minha vida de tormentas.
E disse ao mal: — Vossos carinhos, dae-os
A's tenebrosas almas agoirentas...

Veloz foi-se o prazer entre desmaios
E as horas de pesar foram-se lentas.
Mirei fidalgos vis como lacaios
E amei sombras de freiras macilentas.

Soffri, por ter amado, eternas luctas:
Deixei longe de mim, ainda na aurora,
O beijo infiel das pobres prostitutas...

Atravessei bruxedos e quebrantos:
Só não venci, dulcissima Senhora,
O doce occaso dos teus olhos santos.

XVI

VENHAM teus olhos celestiaes e humanos
Valer-me na hora das visões presagas.
Minh'alma, como as naus dos lusitanos,
Terá o amparo das quinas e das chagas.

Maleficios não temo, nem arcanos,
E venço as mais encapelladas vagas:
Mas desce sobre os meus olhos profanos
O teu olhar dominador das sagas.

Pois se ellas me encontrarem no caminho,
Sem a luz salvadora dos teus olhos,
Matar-me-ão com o terror de algum bruxedo.

Não me deixes, por Deus, vagar sózinho!
Com a luz do teu olhar não temo escolhos,
Porém sem ella morrerei de medo...

XVII

RESUMES para mim todas as Lauras
E Natércias e pallidas Beatrices...
Vaes seguindo ao ciciar brando das auras,
Doce consolo astral dos infelizes!

Nos romances de amor existem Glauras,
Meigas Marilias, sedutoras Nizes:
Nenhuma como tu, que me restauras
O peito em ruina ao som do que me dizes...

Como assim não será, branca madona,
Se a tua mão eburnea me abandona
A tua alma entre lírios desmaiada?

Como assim não será, se nesta vida,
Pela alameda em flor já percorrida,
E's meu unico bem, és minha amada?

XVIII

ERA noite de lua na minh'alma
Quando surgiste pela vez primeira:
Em cada estrella, pelo azul em calma,
Florescia uma flôr de laranjeira.

A esperança entreabria a verde palma
Ante os meus olhos, tepida, fagueira,
Como um aroma que inebria e acalma...
Romaria de amor, doce romeira!

E era um jardim de lirios. Suavemente,
Sorriu-se a tua bocca enamorada
Como as flores que são como tu és...

— Em que pensas? — disseste, a voz tremente.
— Senhora, penso que serás fanada
Como este lirio que te atiro aos pés!

XIX

HÃO de chorar por ella os cinnamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjaes hão de cahir os pomos,
Lembrando-se daquella que os colhia.

As estrellas dirão: — Ai! nada somos,
Pois ella se morreu, fulgente e fria...
E pondo os olhos nella como pomos,
Hão de chorar a irman que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, ha-de envolvê-la
Entre lirios e petalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os archanjos dirão no azul, ao vel-a,
Pensando em mim: — Porque não vieram juntos?

XX

QUANDO te fóres, branca, de mãos postas,
E me deixares neste val de pranto,
Deitada assim, como as demais, de costas
Sobre o teu leve esquife de pau santo:

Quando as rosas dos seios, descompostas,
Vierem causar á propria morte espanto,
E nessas taboas vis, onde te encostas,
Te fôr o lodo o derradeiro manto:

Ainda hei de ver as lucidas violetas
Que floriram no teu olhar incerto,
Por sob as tuas sobranceiras pretas...

Ai! como Ignez tu não serás rainha:
Mas amada has-de ser no céu de certo
Porque na terra nunca foste minha.

XXI

ESTRELLA solitaria que me espias
Na desolada paz do ermo silente,
Talvez penses nas suaves alegrias
Que nos meus olhos viste antigamente.

Hoje, estrella formosa, não mais guias
Os meus passos de sombra penitente,
Pois que os sonhos que tu me promettias
Foram rosas pendidas lentamente.

Por julgar-te a padroeira dos amantes,
Enganado segui na terra impura
Tantos olhos que te eram semelhantes.

Treguas emfim á doce vassalagem:
Nelles não ha firmeza nem ventura,
Formados muito embora á tua imagem.

XXII

QUANDO tu viste o branco jasmineiro
Que dentro da minh'alma florescia,
Sorraste-me, e colhi logo o primeiro
Beijo que nos teus labios me sorria.

Depois eras o meigo jardineiro
Que o jardim cultivava noite e dia...
Agua nunca faltava no canteiro,
Pois que a fonte dos olhos teus corria.

Mas vendo que eu, alheio a ti, pendêra
Um dia a frente para a terra impura,
Fitaste-me com os teus olhos antigos:

"Desgraçada de mim, que me esquecera
Que nascem com mais viço e formosura
As flores que plantamos nos jazigos!"

XXIII

NEGRO navio que se fez ao largo,
Velas pandas ao vento do nordeste,
Volta de novo este pesar amargo
Que foi todo consolo que me deste.

Pisando espinhos, no lethal lethargo
De quem segue por uma noite agreste,
Sou o cruzado que vae sobre o mar largo
Morrer de magua, e fome, e guerra, e peste.

Não mais jasmims neste horto do meu peito.
Ouve-me tu, que ainda és uma creança:
E' um sepulcro de vivos todo leito.

Tudo espero de ti, alma querida:
Mas não sabes, Senhora, que a esperança
E' o maior desespero desta vida!

XXIV

DESCERRA os labios para a prece... Corre,
Imperlado de luar, o ermo ribeiro.
Morreu a voz do sino em cada torre
E o môcho é o rouxinol deste salgueiro.

O archanjo espiritual que te soccorre
Na magua do teu sonho derradeiro,
E' a esperança que pouco a pouco morre,
Deixando em crepes o universo inteiro.

Tudo te guia os passos para a cova:
O som, a luz, a côr, o aroma, a trova
Vêm dizer-te que vaes deixar o mundo...

Um claror de ossos pelo céu fluctua:
Riem caveiras na tua alma e a lua
E' o penultimo olhar de um moribundo.

XXV

A

Da Costa e Silva

ALEM do mundo, muito alem, divaga
Uma scintillação de oiro e de argento.
Mortuariamente, só a lua alaga
A terra com o seu beijo somnolento.

Do mar ao céu resôa a humana vaga
Que ás nuvens leva o nosso atroz lamento.
E vae tombando a escuridão presaga
Por sobre nós, como um esquecimento.

E emquanto este deserto em que vivemos
Morre, rebrilham com fulgor profundo
Das naus do céu os estrellados mastros:

E entre claros limpidos, supremos,
O olhar de Deus, que abandonou o mundo,
Dá nova luz ao resplendor dos astros.

XXVI

CRENÇA e descrença! Entre estes dois extremos,
A alma humana perpetuamente oscila,
Ora immersa da fé na paz tranquilla,
Ora incendiada em vis odios blasphemos.

Fulge a crença nos paramos supremos,
A descrença no cáos do mal scintilla...
E nós, misera poeira, extranha argila,
Ao mesmo tempo cremos e descremos.

Abrangendo a aurea abobada infinita,
Paira a duvida, altivola, maguada,
Sobre a terra, qual uma ave maldicta...

Feliz da alma que não descreu de nada,
Onde Jesus eternamente habita,
Como dentro de uma hostia consagrada!

XXVII

QUEM sonha vive numa eterna festa...
Illusão! Illusão! pluma de arminho
A que o sonho um fulgor de lua empresta!
Vae-se depressa a tua côr de linho.

A cada passo que nós damos, resta
Uma esperança morta no caminho.
E' como alguém que vae pela floresta
E a cada passo vê tombar um ninho.

Quanto mais pela vida nós seguimos,
Mais longe fica o céu que estava perto...
Entenebrecem da montanha os cimos.

Sonho! Illusão! resurge o dia, incerto...
E ainda uma vez veremos, como vimos,
O sol illuminar este deserto.

XXVIII

DE onde te vêm a pallidez profunda,
E o mysterio do teu olhar tristonho?
Quando os meus olhos nos teus olhos ponho
O estuante estyge do pavor me inunda.

Caudatario cortez, pagem risonho,
Segue-te o mal, como um anão corcunda,
Ah! bem longe deixaste a sarça immunda
Onde queimaste o teu primeiro sonho.

A purpura sombria da desgraça
Nos teus hombros serenamente oscila...
E um luar de morte no teu rosto passa.

E's a noiva dos infernaes noivados:
Na tua frente, rutilo, scintilla
O rubro Setestrello dos Peccados.

XXIX

PERDIDA pela angelica celagem
De um pôr-de-sol de entristecido outomno,
Sorriu-me em quieto céu a tua imagem,
Sósinha como um anjo em abandono.

Um astro vespertino era o teu pagem,
E uma nuvem o teu docel e throno;
Nenhum perfume da mais leve aragem
Vinha turbar-te a placidez do somno.

Semicerrado o olhar, onde dormia
A visão dos espaços infinitos,
Surgias dentre petalas de luar.

Eras a esphyngue eterna da agonia,
Com os ouvidos tapados aos meus gritos
E os olhos mortos para não me olhar...

XXX

SOMBRAS de mumias na amplidão sombria...
Minh'alma está mais cheia de anciedades,
Na erma caverna eril desta agonia,
Que o céu de raios e de tempestades.

Desespero de amor! Paixão de um dia!
Porque nas horas mortas inda invades
O sepulcro que poisa em terra fria?
A morte sempre ha-de plantar saudades?

Por toda a parte ondeia o mar do pranto...
O amor corveja em nós e põe grilheta
Aos pés do peccador e aos pés do santo.

A ave sanguisedenta, que se nutre
Da carne de Romeu e de Julieta,
Tem garras firmes como todo abutre!

XXXI

SEREMOS como dois lírios enfermos
Que morrem numa jarra abandonada.
O acaso nos mostrou a mesma estrada
E sonhamos ao luar dos mesmos ermos.

Abençoou-nos o mesmo azul sem termos,
Ao descambar da vespera sagrada.
E hei-de ter, e terás, ó bem-amada,
Tranquillidade e paz para morrermos.

Ah! tu bem sabes que não tarda o outomno...
Perder-nos-emos pela escura brenha,
Pelos invios sertões do eterno somno.

E que nos baste, amor, termos vivido
Em meio destes corações de penha
Sem o lamento inútil de um gemido!

XXXII

ESTÃO mortas as mãos daquella Dona,
Branças e puras como o luar que vela
As noites romanescas de Verona
E as barbacans e torres de Castella.

No ultimo gesto de quem se abandona
A' morte esquiva que apavora e gela,
As suas mãos de Santa e de Madona,
Ainda postas em cruz, pedem por ella.

Uma esquecida sombra de agonias
Oscula o jaspe virginal das unhas
E ao longo oscila das phalanges frias...

E os dedos finos... ah! Senhora, ao vel-os,
Recordo-me da graça com que punhas
Um cravo, um lirio, um goivo entre os cabellos!

XXXIII

UM luar de desamparo envolve as almas
Quando a tarde serenamente tomba,
Descendo pelo céu de azas espalmas,
Doce ave espiritual! como uma pomba.

Das tuas mãos unindo as roseas palmas,
De joelhos sobre a suave e branda alfombra,
Hão-de abençoar-te aquellas horas calmas,
Todo o bem celestial da eterna sombra.

O somnolento pôr-do-sol de outubro
Cahiú por traz das virides encostas...
No teu olhar um novo sol descubro.

E ao contemplar-te, amor, sinto transpostas
As celicas regiões para onde subo
E para onde subiste de mãos postas...

XXXIV

O teu perfil suavissimo, sagrado,
Deixou-me na alma uma esperança nova:
Ou a virgem que pensasse no noivado,
Ou a moija que tombasse para a cova.

Sob o carinho do meu verso alado,
Purificada pela minha trova,
Fulgirás como um astro bem amado,
Do sempiterno amor exposta á prova.

Nas cordas de oiro do arrabil que tanjo,
Irás por onde os raios de luz descem
Até a tua moradia de anjo.

E, sol enfim que aos outros sóes se irmana,
Has de ser como as Santas, que mais crescem
Quanto mais longe da memoria humana.

XXXV

SE eu a visse descer da escadaria
De um altar que entre nuvens se atufasse,
Certo o menor espanto não teria...
De onde quizereis vós que ella baixasse?

Pois, dizei-me vós todos, onde havia
De scintillar o alvor da sua face?
Aquella pallidez tão casta e fria
Era um lis que na terra não renasce.

Zelos de amor, no entanto, eu tinha, ao vel-a
Mirada por vós todos, como a estrella
Vesperal que ninguem contempla a sós...

Minha pobre alma, que illusão a tua!
Ha damas tristes que são como a lua:
A luz que têm é para todos nós...

XXXVI

Aurora loira que me guiava os passos,
Dentro do sonho ethereo em que eu vivia,
Encheu-se toda de claros baços...
Nunca mais para mim nasceu o dia.

Olhos cançados de soffrer! os laços
De luz em que ella a rir vos envolvia...
Tudo desfeito desde que os seus braços
Penderam hirtos para a terra fria.

Foi bem rapido o instante em que de neve
Se fez a rosea côr daquelle rosto,
Que a morte em haustos bafejou de leve.

Disse á minh'alma: — Porque tal desgosto?
A lastimal-a morta quem se atreve?
Quem tem pena do sol porque elle é posto?

XXXVII

A mocidade vae-se como as flores,
Crestada pelo sol dos desenganos.
E nem vemos o desfilar dos annos,
Que fogem mortos pelas nossas dores.

Por toda parte cercam-nos pavores.
Os pelagos dos sepulcraes arcanos
Abrem-se em frente aos corações humanos:
Lethargos! agonias! estertores!

Treva de morte em tudo que nos cerca:
E para que a alma, que ainda crê, se perca
Em frente della o mal levanta um véu...

E entre sombras a mente humana estua,
Pois que a verdade eterna continua
Escondida por traz do azul do céu.

XXXVIII

O Charonte infernal pega dos remos
É a barca segue... Lethis illusorio!
Que és tu em face deste purgatorio,
Onde por noites pavidas vivemos?

Sempre, ai! sempre, ante os olhos vagos vemos
O mal, phantasma infiel de rir marmoreo.
Sempre a noite a obumbrar o sol inglorio...
O desespero não conhece extremos.

Onde existe a mansão do esquecimento?
Como um jacto de luz da terra sôlto,
Ao céu ascende o humano pensamento.

E a alma exulta, e revive, e cae de rastros,
Escabujando neste mar revólto,
Sob o sorriso ironico dos astros...

XXXIX

A aurea estrella que, lucida, lucila
Da concha celestial na inteira calma,
O meu olhar não cessa de seguil-a...
Ella é a cova bemdicta da tua alma.

Em torno della, como esguia palma,
Uma nuvem cinerea vem cingil-a,
Um suave luar de morte tudo acalma...
Como deves, amor, dormir tranquilla!

Rendas bordadas, rutilos requifes
Esgarçam-se por sobre os raios pulchros
Do mais astral de todos os esquifes.

Não te deixou Jesus em abandono:
Pela amplidão coalhada de sepulcros
O Cruzeiro do Sul vela-te o somno...

XL

MINH'alma é um branco ossuario entre alvos cirios,
Onde se erguem as funeraes ossadas
Das amantes que foram como lirios
E hoje são illusões ossificadas.

Tantos peitos enchestes de delirios,
Tantas almas em vão crucificadas
Clamaram graças para os seus martyrios,
Impassiveis, angelicas Amadas!

O' Natercias, ó Lauras, ó Beatrizes,
Como noite que de astros se constella,
Vae-vos seguindo a dor dos infelizes...

E entre vós, ainda pallido, fulgura
O esqueleto miserrimo daquela
Que me fez bem maior a desventura...

XLI

PASSO de novo pela triste aldeia,
Em que á margem das aguas nós nos vimos.
O ribeiro, por entre os verdes limos,
As linhas curvas do seu dorso ondeia.

Ali teu nome eu escrevi na areia.
Têm os montes ainda os mesmos cimos,
Onde tantas magnolias esparzimos...
No céu floresce a mesma lua cheia.

Por toda parte a sombra do mysterio,
Que te envolvia a branca formosura
Em grinaldas de mystico pallor...

Voltei de novo ao mesmo cemiterio.
Falta-lhe apenas uma sepultura:
A cova onde repousa o nosso amor...

XLII

Aventura de amar é passageira
E ao soffrimento os beijos não compensam...
O afago é como a derradeira benção
Que recebemos na hora derradeira.

Brandos risos de amor ha que nos vençam.
Boccas em flor são fructos de romeira...
Mas ha tambem os risos da caveira,
E os amorosos nelle nunca pensam.

Feliz de quem, toda a illusão perdida,
Sente nas ondas tumidas do seio
Somente o palpitar das agonias...

Feliz de quem, toda a illusão perdida,
E vê nos olhos de volupia cheios,
Sinistramente, as orbitas vasias...

XLIII

AH! noites plumbeas que se vão nevosas,
Envoltas em mortuarias estamenhas...
Brotam do luar emmurhecidas rosas,
Enche-se o céu de mortas e de penhas.

Descem para a minh'alma as nebulosas...
Ai! magua, que te fiz, para que venhas
Com tal bando de freiras silenciosas,
E nem, vendo-me morto, te detenhas?

Vão-se fechando, uma por uma, as portas.
E esses bicos de luz pela cidade,
Nublados como estrellas semimortas...

Para onde foi a minha mocidade?
Pobre homem! tanta dor, porque a supportas?
Para que, Senhor Deus, tanta saudade?

XLIV

SOIDÃO, saudade, quietude do ermo,
Entre fontes bucolicas e amenas...
Agreste sitio para as minhas penas,
Ares tranquillos para um pobre enfermo!

Para tristezas que não têm mais termo
(Oh! sons de flautas e flautins e avenas!)
Valha-te o sol destas manhans serenas...
Palpitas, coração, para dizer-m'ô.

Sob a sombra dos robles e das faias,
Torna-se em goso a dor é se enluariza,
Quando, Selene, pelo céu desmaias.

Nessa hora (engano ao luar dos sonhos nossos!)
Ninguem por certo pensará que pisa
A terra que ha de sepultar-lhe os ossos...

XLV

LUA das noites pallidas! alheia
Ao soffrimento humano, segues no alto...
Ao ouvir-te as balladas de sereia,
Soluçam corações em sobresalto.

E's minguante, és crescente, és nova, e cheia,
E sempre que tu vens, é um novo assalto
Mysterioso á pobre alma que vagueia,
Caravela perdida no mar alto...

Atraz de ti, partem gemidos: corre
O pranto, ao ver-te, pela face nua
De quem de magua e de saudade morre...

Vaes perfumando alem montes e valles:
E nem presumes, por acaso, ó lua,
Que foste a causadora dos meus males.

XLVI

PORQUE, na vida, vós sabeis, ninguém
Dirá sorrindo que a ventura alcance.
Todos temos o nosso ideal romance,
Mas nem sempre (sabeis) acaba bem.

Mais um lance de amor, menos um lance:
Ódio infernal, suspiros por alguém...
Duelos, combates, ciúme... e a Morte vem,
Para que enfim cada um de nós descance.

Velhas verdades! Todo o mundo passa
(Uma canção velhíssima nos diz),
Cançado, sobre a ponte da desgraça...

Mas que esperaes, bons homens e homens vis?
Da terra ha muito desertou a Graça...
Quem de vós, quem de vós será feliz?

XLVII

AINDA revejo a imagem promettida
Por um bando de espectros singulares:
A alma que para o sonho me convida
E' a mesma que surgiu dos meus pezares...

Sorri-me a sua bocca dolorida:
E os olhos sideraes, crepusculares,
Vejo-os poisar tão longe desta vida,
A Deus erguidos como dois altares.

Doce visão por quem tenho chorado!
Tece com fios de ouro esta mortalha
E esta camisa branca de noivado...

Rôxas violetas e lilazes, goivos
E saudades, com as duas mãos espalha
Sobre o leito dos mortos e dos noivos...

XLVIII

COMO os outros pensei (ó primavera,
Tão longe estás!) que o meu amor fazia
Lirios, rosas sorrirem-se e que elle era
Toda a cor, toda a luz, toda a harmonia:

E que se dava o luar a quem espera
Tantos sonhos de luz, certo seria
Por causa desta espiritual chimera
Que pelas noites claras me seguia...

Hoje penso que é a minha desventura
Que envolve a lua em crepes e entre cirios
Faz a noite, que é negra, mais escura...

E pois se ha no jardim tantos martyrios,
E' que ella causa a morte doce e pura,
Doce morte! dos cravos e dos lirios...

XLIX

QUANDO estamos na flor da idade, quando
A primavera nos sorri, parece
Que alguém por nós no céu passa rezando
Uma angelica, interminavel prece...

Acompanha-nos um luar argenteo e brando.
A cada passo nosso o chão floresce...
E o esplendor, que nos vae de luz cercando,
Da ampla concha do azul aos jorros desce.

Mas tombam, sem cessar, as esperanças...
Mesto cahir monotono de folhas,
Sob um poente de magua e de abandono.

Segues: e cada leito em que descanças
E' como o terno tumulto que escolhas
Para dormir o derradeiro somno...

L

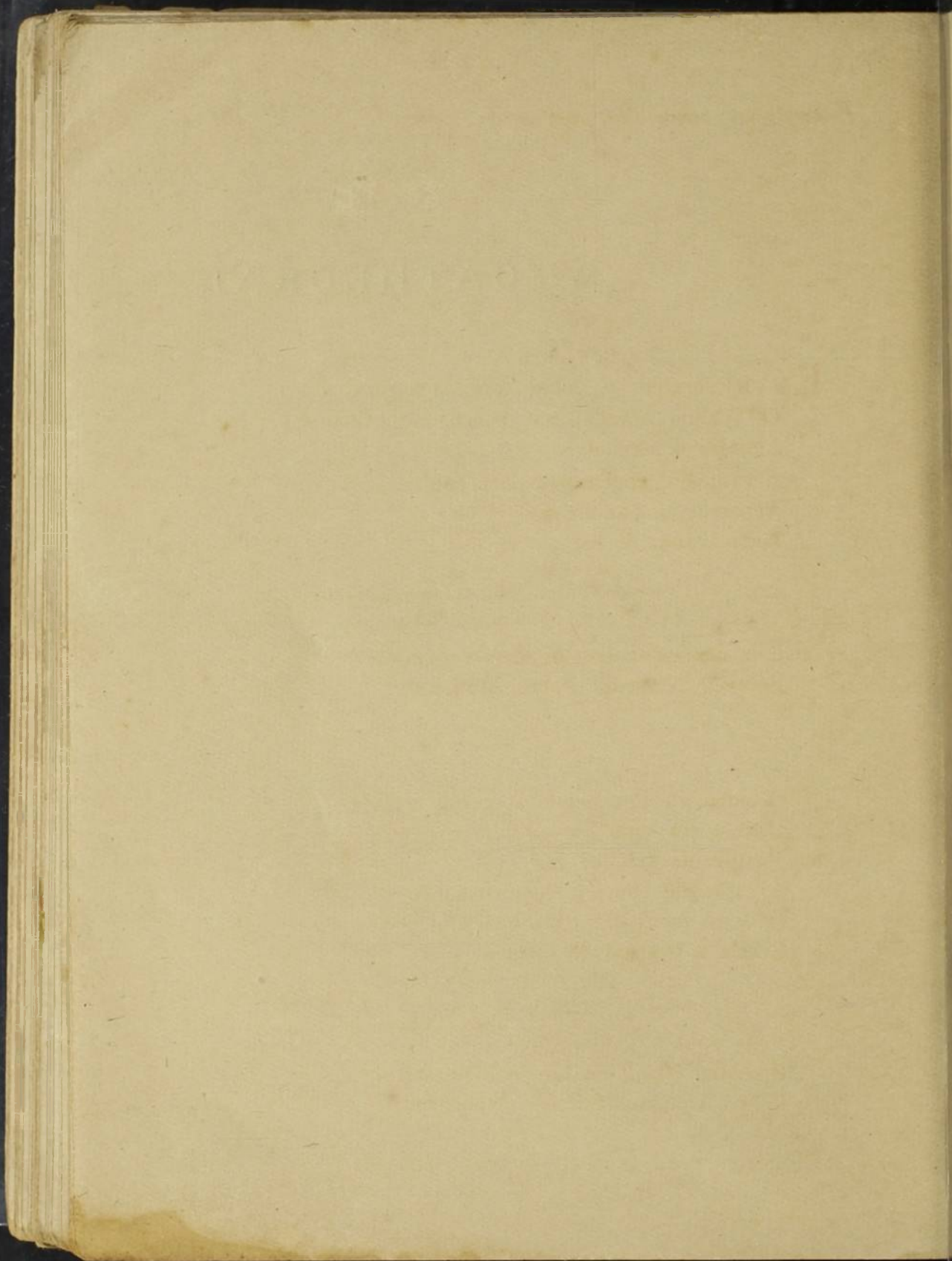
A desventura na minh'alma é tanta
Que lhe não basta, flor, para acalmal-a,
O teu sorriso angelical de santa,
O hymnario celestial da tua fala.

O sol, como um amado, se quebranta :
A tarde morre envolta em véus de opala.
A harpa do dia, adonde um anjo canta,
A ultima corda espiritual estala..

Penso nos dias idos, nesse doce,
Leve oscilar das plumas da esperança,
Como se moço e não bem velho eu fosse.

E alguém, que és tu, me diz : Pobre creança,
O teu sonho era luz : divinizou-se...
Toma as muletas de ancião. Descança!

A CATHEDRAL



ENTRE brumas ao longe surge a aurora,
O hyalino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A cathedral eburnea do meu sonho
Apparece na paz do céo risonho
Toda branca de sol.

E o sino canta em lugubres responsos:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma aurea setta lhe scintilla em cada
Refulgente raio de luz.
A cathedral eburnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cançados ponho,
Recebe a bençam de Jesus.

E o sino clama em lugubres responsos:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

Por entre lírios e lilazes desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A cathedral eburnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho
Toda branca de luar.

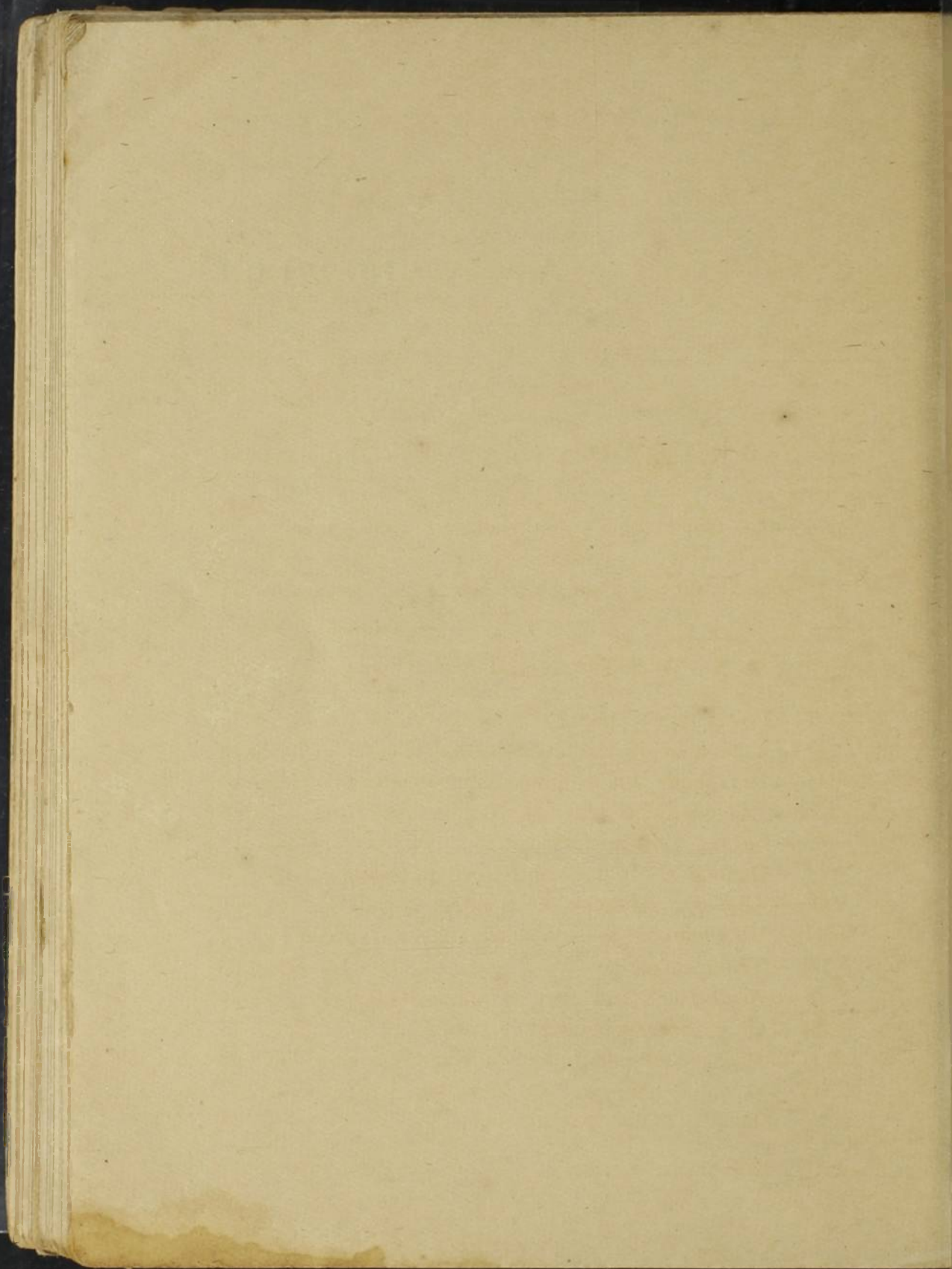
E o sino chora em lugubres responsos:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relampago a cabelleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a cathedral eburnea do meu sonho
Afunda-se no cháos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lugubres responsos:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

Julho — 14, de 1914.

INDICE



B R A Z Ã O

	Pag.
I — De solar em solar, menestrel dos mais pobres	9
II — De casal em casal, alma cheia de flores	11

A S E S T A N C I A S

I — Foi a tua belleza?	15
II — Uma nota de flauta dentro da alma	16
III — Para onde foi a minha companheira?	17
IV — Vós que subis por este verde monte	18
V — Foi-se, como a formosura	19
VI — Quando as folhas cahirem, e tu fôres	20
VII — “Que tens” disseste (e a minha amada	21
VIII — No ribeiro enervado a sombra do arvoredo	22
IX — Trio romanesco	23
X — As ovelhas vão para o aprisco...	24
XI — O' pallidez das tardes ermas	25
XII — Vinha nascendo a aurora como nasce	26
XIII — O amor tem vozes mysteriosas	27
XIV — Todo o antigo passado	28

	Pag.
XV — Minha vida descança	29
XVI — Talvez o derradeiro occaso	30
XVII — Quando o occaso, triste, vinha	31

A S C A N Ç Õ E S

I — Ando colhendo flores tristes	35
II — A bençãam do luar	36
III — Ai! flores para enfeitar-te o leito	38
IV — Olhos	39
V — Cysnes brancos	41
VI — Barcarola	43
VII — Minh'alma é a torre de uma egreja	45
VIII — Quando chegaste, os violoncellos	47
IX — Eras a sombra do poente	48
X — Velhas verdades	49
XI — Boas festas! Boas festas!	51
XII — Côro de archanjos para os teus ou- vidos	53
XIII — Barcarola	55
XIV — Evocações	57
XV — Manhans hilares, manhans	59
XVI — Na primavera, que era a primeira	60
XVII — Serenada	62
XVIII — Soidão	65
XIX — Se eu acabar pobre e ceguinho	66
XX — Ai! tão velhinho nos meus velhos annos	68
XXI — Ventura	70
XXII — Carmen Coreano	72

	Pag.
XXIII — O' poente que te vaes em sombras mortas	74
XXIV — Tercetos de amor	75
XXV — O cinnamomo floresce	77
XXVI — Existem junto da fonte	78
XXVII — Aria	79
XXVIII — Canção do outomno	80
XXIX — Carmen Coreano	81
XXX — Trovador, as tuas trovas	83
XXXI — Vou subindo por uma escarpa	86
XXXII — A corrente	88
XXXIII — Ysmalia	89
XXXIV — ... Pois á luz estranha e livida do luar.	90
XXXV — Tantos sonhos que tive e tantas espe- ranças	92
XXXVI — Eu não queria ser o sol, e nem a lua . .	94
XXXVII — O lirio e a estrella	96

OS SONETOS

I — Do teu olhar a bençam vespertina . .	99
II — Senti de um corvo sobre mim as azas .	100
III — Crysanthemo divino aberto em meio . .	101
IV — Vagueiam suavemente os teus olhares .	102
V — A's vezes, quando o luar nascia, eu vinha	103
VI — Ficavamos sonhando horas inteiras . .	104
VII — Bem mais chorosa que uma desprezada.	105
VIII — Quizeras ser a Laura de Petrarca . .	106
IX — Olhando para o céu contemplo a estrella	107

	Pag.
X — Clarões boreaes nos olhos de esmeralda.	108
XI — Lirios	109
XII — Rosas que já vos fostes, desfolhadas	110
XIII — Violetas	111
XIV — Nada somos, sabeis, e que seremos .	112
XV — Por entre mil relampagos e raios . .	113
XVI — Venham teus olhos celestiaes e humanos	114
XVII — Resumes para mim todas as Lauras . .	115
XVIII — Era noite de lua na minh'alma . . .	116
XIX — Hão de chorar por ella os cinnamomos .	117
XX — Quando te fôres, branca, de mãos postas	118
XXI — Estrella solitaria que me espias . .	119
XXII — Quando tu viste o branco jasmineiro . .	120
XXIII — Negro navio que se fez ao largo . . .	121
XXIV — Descerra os labios para a prece... corre.	122
XXV — Alem do mundo, muito alem, divaga . .	123
XXVI — Crença e descrença! Entre estes dois extremos	124
XXVII — Quem sonha vive numa eterna festa . .	125
XXVIII — De onde te vêm a pallidez profunda . .	126
XXIX — Perdida pela angelica celagem . . .	127
XXX — Sombras de mumias na amplidão som bria....	128
XXXI — Seremos como dois lirios enfermos . .	129
XXXII — Estão mortas as mãos daquella dona .	130
XXXIII — Um luar de desamparo envolve as al- mas	131
XXXIV — O teu perfil suavissimo, sagrado . .	132
XXXV — Se eu a visse descer da escadaria . .	133

	Pag.
XXXVI — A aurora loira que me guiava os passos	134
XXXVII — A mocidade vae-se como as flores . .	135
XXXVIII — O Charonte infernal pega dos remos .	136
XXXIX — A aurea estrella que lucida lucilla . .	137
XL — Minh'alma é um branco ossuario entre alvos cirios	138
XLI — Passo de novo pela triste aldeia . . .	139
XLII — A ventura de amar é passageira . . .	140
XLIII — Ah! noites plumbeas que se não nevosas	141
XLIV — Soidão, saudade, quietude do ermo . .	142
XLV — Lua das noites pallidas! alheia . . .	143
XLIX — Porque, na vida, vós sabeis, ninguem .	144
XLVII — Ainda revejo a imagem pronettida . .	145
XLVIII — Como os outros pensei (ó primavera)	146
XLIX — Quando estamos na flor da idade, quando	147
I. — A desventura de minh'alma é tanta . .	148
— A CATHEDRAL	149

23470



Officinas Graphicas
Monteiro Lobato
& C. - São Paulo

LIVRARIA UNIVERSAL
EUGENIO NASCIMENTO
Avenida Rio Branco, 50 e 58
RECIFE